

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO CIÊNCIAS HUMANAS**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**VICTOR GONÇALVES RIOS RIBEIRO**

**SIGMUND FREUD, WILHELM REICH E GEORGES BATAILLE:**  
**um estudo histórico-conceitual sobre as psicologias do Fascismo no Entreguerras**

São Luís  
2020

**VICTOR GONÇALVES RIOS RIBEIRO**

**SIGMUND FREUD, WILHELM REICH E GEORGES BATAILLE:  
um estudo histórico-conceitual sobre as psicologias do Fascismo no Entreguerras**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia com formação de Psicólogo.

**Orientador:** Prof. Dr. Márcio José de Araújo Costa

São Luís  
2020

Ribeiro, Victor Gonçalves Rios.

SIGMUND FREUD, WILHELM REICH E GEORGES BATAILLE: um estudo histórico-conceitual sobre as psicologias do Fascismo no Entreguerras / Victor Gonçalves Rios Ribeiro. – 2020 .

59f

Orientador: Prof. Dr. Márcio José de Araújo Costa .

Monografia (Graduação em Psicologia). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

1 . Bataille . 2. Entreguerras . 3. Fascismo . 4 . Freud . 5 . Reich I. Costa, Márcio José de Araújo . II . Título .

CDU 159.9

**VICTOR GONÇALVES RIOS RIBEIRO**

**SIGMUND FREUD, WILHELM REICH E GEORGES BATAILLE:  
um estudo histórico-conceitual sobre as psicologias do Fascismo no Entreguerras**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia com formação de Psicólogo.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020  
Nota \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Márcio José de Araújo Costa** (Orientador)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Carlos Antonio Cardoso Filho  
Universidade Federal do Maranhão

---

Marilande Martins Abreu  
Universidade Federal do Maranhão

---

Jadir Machado Lessa (suplente)  
Universidade Federal do Maranhão

Aos meus pais Cezar e Janete, meu alicerce.

A Joyce, minha parceira no amor e na vida.

Aos meus irmãos Junior e Thiago.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Cézar e Janete por todo o apoio que me deram nesta difícil jornada e por terem sido, em todos estes anos, minha grande fonte de inspiração e fortaleza. Eles são o alicerce de toda e qualquer vitória.

A Joyce Caroline, minha companheira fiel nestes últimos cinco anos. Com ela vivi os mais valiosos e intensos momentos da vida universitária; uma pessoa que me instiga e motiva a querer sempre mais; uma companhia para toda vida.

Aos meus irmãos Júnior e Thiago por estarem sempre comigo, apesar dos pesares, seja nas horas fáceis, seja nas horas difíceis.

Aos meus amigos (e por que não dizer também irmãos?) Ray Anderson, Matheus Padilha, Assis Lima e Nicolau Fahud (vulgo nicola do riso) pelos ótimos momentos compartilhados enquanto graduandos de Psicologia, pelas risadas e conversas que tivemos durante toda a graduação.

A todo o grupo de estagiários do NPA, do qual tive a honra de participar, em especial ao grupo coordenado pelo professor Jadir Lessa. Lá vivi ótimos momentos alegres e descontraídos.

Ao meu grande amigo “guru” Wesley Silva por todo o companheirismo e amizade que perdura desde 2014 até hoje.

Ao meu orientador e professor Márcio Costa pelas orientações certeiras e questionamentos sagazes. Certamente, a maior referência intelectual que tive no período de graduação;

Ao professor Jadir Lessa por ter-me dado diversas oportunidades como estagiário e por ter-me ensinado muito sobre o fazer clínico nas supervisões do NPA.

E finalmente, ao professor Lucas Sá por sempre ser uma pessoa solícita e paciente, esclarecendo todas as dúvidas (que não foram poucas) acerca das formalidades da monografia, normas e prazos.

*"Amor, trabalho e conhecimento são as fontes  
de nossa vida. Devem também governá-la."  
(Wilhelm Reich)*

## RESUMO

O presente trabalho de monografia tem como objetivo fazer um estudo histórico-conceitual sobre as psicologias do fascismo no período Entreguerras, analisando a obra de Freud, Reich e Bataille. Sendo o fascismo um movimento político de extrema importância para o curso dos acontecimentos que marcaram o século XX, vários ramos das ciências humanas efetuaram estudos que tiveram como objetivo compreender seus pressupostos. Não foi diferente com o conhecimento psicológico, pois, ao longo das primeiras décadas do século passado, os referidos autores escreveram sobre os dispositivos psíquicos que possibilitaram a ascensão dos movimentos de extrema direita ao poder político. Este trabalho visa justamente revisar a obra destes três pensadores, trazendo suas principais contribuições na elucidação dos fenômenos psicológicos do nazifascismo. Para isso, o estudo apresenta no capítulo um a obra de Sigmund Freud, em especial o texto *Psicologia das Massas e análise do Eu* (1921/2010) como obra seminal nos estudos das Psicologias do Fascismo. Posteriormente, trazemos no capítulo dois a obra de Wilhelm Reich, que empreende uma análise da Alemanha nazista em *Psicologia de massas do fascismo* (1933/1988). No último capítulo, expõe-se o pensamento transgressor de Georges Bataille, tendo no texto *La Structure Psychologique du Fascisme* (1933/1989) seu eixo teórico norteador. Espera-se, com este trabalho, estimular discussões acadêmicas acerca das relações entre psicologia e política, além de contribuir na compreensão das formas de subjetividade fascistas, tendo em vista o recrudescimento contemporâneo de movimentos de extrema-direita que ameaçam a democracia no Brasil e ao redor do mundo.

**Palavras chave:** Fascismo. Entreguerras. Freud. Reich. Bataille. Psicologia.



## ABSTRACT

This current monography intends to do a historical-conceptual study about the fascism psychologies in the time between wars, analysing the work of Freud, Reich and Bataille. The fascism is an extremes relevant political movement for the result of events that marked the twentieth century, various branches of human sciences did studies that aimed to understand its assumption. It was not different from the psychological knowledge because, over the first decades of the past century, the referred authors wrote about the psychic devices that enable the ascension of the far-right political movement to the power. This paperwork aims to review the work of these three thinkers, bringing their main contributions to enlighten the psychological phenomena of nazifascismo. Thereunto the paperwork presents in the first chapter the work of Sigmund Freud, especially the text *Group Psychology and the Analysis of Ego* (1921/2010) as an inspiring work in the studies of Fascism Psychologies. Posteriorly, we bring in the second chapter the work of Wilhelm Reich that engage an analysis of Nazi Germany in *The Mass Psychology of Fascism* (1933/1988). In the last chapter, it is exposed the Georges Bataille transgressor thoughts, having the text *La Structure Psychologique du Fascisme* (1933/1989) its theoretical guiding axis. It is expected, with this paperwork, to stimulate academical discussions about the relations between psychology and politics, besides contributing to comprehend the ways of fascist subjectivity, owing to the contemporaneous recrudescence of far-right politics that threatens the democracy in Brazil and around the world.

**Keywords :** Fascism. Between wars. Freud. Reich. Bataille. Psychologies.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>SIGMUND FREUD: o precursor das psicologias do Fascismo.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>O ponto de virada freudiano no estudo da Psicologia das massas .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>O pioneirismo freudiano no estudo das psicologias do Fascismo.....</b>	<b>16</b>
<b>2.3</b>	<b>A Identificação e o enamoramento como processos psíquicos básicos da relação massa-líder.....</b>	<b>18</b>
<b>2.4</b>	<b>Seria o líder das massas o Pai primevo? .....</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>WILHELM REICH: a psicologia política como instrumento de resistência ao Fascismo.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1</b>	<b>A cisão com Freud e o estabelecimento de uma política sexual.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2</b>	<b>As discordâncias políticas e a ruptura definitiva com o movimento psicanalítico .....</b>	<b>29</b>
<b>3.3</b>	<b>Inovações Reichianas: o psicológico no centro do debate político .....</b>	<b>31</b>
<b>3.4</b>	<b>A Classe Média Alemã como base da Ascensão Fascista.....</b>	<b>33</b>
<b>3.5</b>	<b>A família autoritária como braço institucional do nacionalismo .....</b>	<b>36</b>
<b>3.6</b>	<b>A personalidade fascista como mecanismo psicológico da opressão institucionalizada .....</b>	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>GEORGES BATAILLE: o heterogêneo como veneno e antídoto do tecido social .....</b>	<b>40</b>
<b>4.1</b>	<b>A ambivalência francesa: entre a resistência e o colaboracionismo com os nazistas .....</b>	<b>40</b>
<b>4.2</b>	<b>A estrutura psicológica do fascismo: o heterogêneo como veneno.....</b>	<b>42</b>
<b>4.3</b>	<b>A soberania da dominação fascista .....</b>	<b>47</b>
<b>4.4</b>	<b>O heterogêneo como antídoto: o erotismo como forma de transgressão para uma psicologia erótica.....</b>	<b>49</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Vários foram os eventos marcantes que possibilitaram ao século XX um lugar de destaque na história da humanidade: a Revolução Russa (1917), a Crise Econômica de 1929, a Guerra fria (1947-1991), etc. Entre tais eventos, o Entreguerras (1918-1939), período que abrange os acontecimentos históricos que ocorreram entre a Primeira (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), detêm, neste trabalho, atenção especial. Foi este intervalo temporal que serviu de cenário para o aparecimento de um dos fenômenos políticos mais impactantes do século: o Fascismo.

Mas afinal, o que foi ou o que é o Fascismo? Em uma definição sociológica do termo, o intelectual estadunidense Michael Mann em sua obra *Fascistas* (2008) indica que na verdade, o fascismo foi um movimento político abrangente em diversos contextos europeus, em que pese o seu caráter pouco uniforme. Mann indica que os regimes fascistas, apesar de latentes diferenças, apresentaram em sua constituição cinco características peculiares que os fizeram por merecer tal denominação: O Nacionalismo, isto é, a construção de um ideário nacional, onde os ideais da nação se sobrepõem a características individuais; o Estatismo, “que seria referente ao poder e autoridade do Estado sobre a população civil” (MONTEIRO, 2018, p.71); a Transcendência dos conflitos, ou seja, a união da sociedade em prol de um projeto de nação no qual não há espaço para divisões e conflitos de interesse de grupos sociais; os Expurgos, prática coercitiva de emprego da violência em relação a indivíduos ou grupos que estivessem fora do projeto nacional e o Paramilitarismo, característica muito presente em regimes totalitários, onde a utilização de milícias como instrumento de intimidação política se configura em um mecanismo recorrente.

Esta e outras definições pautaram o estudo dos fenômenos fascistas nas últimas décadas, tendo como parâmetro o olhar sociológico, histórico ou até mesmo filosófico. Mas, e se em vez de um viés histórico ou sociológico, fosse empregado um viés psicológico na análise da ideologia fascista? É certo que nobre empreendimento já foi feito e o objetivo geral deste trabalho é justamente revisitar as obras de três grandes autores que trabalharam a temática fascista utilizando-se da Psicologia como instrumento de análise: Sigmund Freud, Wilhelm Reich e Georges Bataille. Os objetivos específicos consistem em três capítulos, onde em cada um será apresentado a contribuição do respectivo autor para o desenvolvimento das psicologias do fascismo.

O professor e filósofo Vladimir Safatle, recentemente, lecionou um curso na Universidade de São Paulo (USP) intitulado *Psicologias do Fascismo* (2019). Seu objetivo é

propor uma abordagem psicológica dos mecanismos fascistas de subjetivação, pois, segundo ele “a verdade das dinâmicas imanentes a fenômenos sociais, como o fascismo, exige a mobilização de uma dimensão propriamente ‘psicológica’” (SAFATLE, 2019, p.3). Inspirado por tais diretrizes, esta pesquisa propõe um estudo histórico-conceitual sobre as psicologias do fascismo, tendo como recorte histórico o período do Entreguerras.

Falando do contexto histórico, é curioso notar que tanto Freud como Reich e Bataille foram autores que tiveram sua maturidade criativa no intervalo entre a primeira e segunda guerra mundial. Todos os três, portanto, viveram os males do primeiro conflito em escala global da história da humanidade, elaborando pensamentos e teorias que viriam a influenciar de forma latente o pensamento ocidental até o início da segunda guerra. No caso particular de Freud, isto fica ainda mais evidente, pois foi no Entreguerras que a psicanálise “explodiu”, revolucionando o conhecimento humano e servindo de inspiração para muitos outros pensadores ulteriores. A psicanálise, por sinal, foi a linguagem teórica que os autores protagonistas deste estudo utilizaram em suas análises dos regimes totalitários, que já na década de 1930, varreram a Europa, impactando a vida de milhões de pessoas.

Uma destas pessoas, foi justamente o próprio Freud, que por sua ascendência judia, teve que deixar a Áustria, fugido do governo nazista. Assim, o primeiro capítulo deste trabalho trata da obra do pai da psicanálise como uma espécie de “precursor das Psicologias do fascismo”, já que, por mais que ele não tenha escrito textos que fizessem uma referência direta a este movimento político, foi o responsável por lançar as bases dos mecanismos psicológicos de análise do tecido social tão bem utilizados por “herdeiros” do legado teórico o qual fundou.

Em Freud, tem-se a gênese dos estudos psicanalíticos de massa, da relação desta com o líder, tão explorada na sistemática fascista de Hitler e Mussolini. Além disso, pode-se perceber na obra freudiana, o fascismo como uma saída neurótica para o dilema do Pai primevo. Ao longo do capítulo, serão abordados alguns textos freudianos fundamentais (1921/2010; 1913/2010; 1939/2010; 1933/1996;1917;2010) em especial *Psicologia das Massas e análise do Eu* (1921/2010), obra revolucionária nos estudos de psicologia social e que constituem ponto inicial das teorizações das psicologias do fascismo.

Um dos herdeiros da tradição freudiana de análise do tecido social, a quem nos referimos anteriormente é Wilhelm Reich, autor central do segundo capítulo. Será Reich, dos autores protagonistas aqui citados, aquele que terá a postura mais combativa diante da ameaça fascista. Sua atuação revolucionária é fruto de sua experiência no partido comunista alemão aliada com a sua formação psicanalítica.

Na década de 1930, Reich foi testemunha ocular dos eventos que culminaram na tomada do poder por parte dos nazistas na Alemanha. Até por isso, sua obra mais significativa neste contexto, *Psicologia de massas do fascismo* (1933/1988), discorrerá sobre os fenômenos que possibilitaram o embotamento das estruturas subjetivas das massas, permitindo sua captura pelos mecanismos fascistas de poder, analisando prioritariamente o contexto de decadência de uma social democracia em nome de um projeto totalitário de redenção alemã. Além dessa, serão citadas outras obras de Reich (1933/2001; 1929/1977; 1936/ 1981), a fim de se ter uma compreensão maior de seu pensamento e do impacto de suas ideias.

Em um tema de tal magnitude, a tradição francesa não poderia ficar de fora; ela é representada na figura significativa de Georges Bataille, filósofo e escritor provocador; gênio que utilizou a literatura e a sua filosofia erótica como armas contra o crescente autoritarismo que crescia em solo europeu. Seu pensamento “heterogêneo”, por vezes mal compreendido, é até hoje objeto de discussões acadêmicas, influenciando uma série de pensadores do quilate de Michel Foucault e Giorgio Agamben.

No terceiro capítulo, centrado em seus escritos (1957/1987; 2013, 1948/1993), será analisado prioritariamente o texto *La Structure Psychologique du Fascisme* (1939/1989), onde o filósofo francês estabelece uma análise dos significantes totalitários do projeto fascista de poder político.

Por último, nas considerações finais, será estabelecido um conceito de fascismo a partir de um ponto de vista psicológico, tendo em consideração os pontos confluentes das teorizações dos três autores trabalhados ao longo desta monografia. Lembrando que a metodologia adotada neste trabalho monográfico foi a pesquisa bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2003), a partir de obras selecionadas não somente de Freud, Reich e Bataille, mas como também de outros autores e comentadores.

## 2 SIGMUND FREUD: o precursor das psicologias do fascismo

O pai da Psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), sofreu na pele os efeitos devastadores da ascensão do Nazismo na primeira metade do século XX. Com a anexação da Áustria ao território alemão, Freud, de ascendência judia, foi obrigado a fugir da cidade de Viena para exilar-se em Londres. Ele morreria no ano em seguinte, em 23 de setembro de 1939, decorrente de um câncer do palato.

Não há registros históricos de menções de Freud ao movimento fascista que ganhava corpo na década de 30, sobretudo ao regime de Adolf Hitler que a esta altura acabara de assumir o poder e dar início ao novo Reich do império alemão. Contudo, estudos seus sobre psicologia de massas anteriores a esta época serviram de base para teóricos nas décadas seguintes que abarcaram as Psicologias do Fascismo, como por exemplo, Wilhelm Reich e Theodor Adorno. Em *Psicologia de Massas do fascismo*, Reich (1933/1988, p.XX) indica que “O fascismo como um movimento político distingue-se de outros partidos reacionários pelo fato de ser sustentado e defendido por massas humanas”.

Por sua vez, Adorno (1951/2012, p.1) fala sobre os mecanismos de propaganda Fascista e sua relação com as massas:

[...] Embora seja impudico chamar o povo de ralé, a verdade é que o objetivo do agitador é nisso transformá-lo; isto é, multidões dispostas a agir de modo violento e sem qualquer objetivo político, para não falar na criação de uma atmosfera favorável ao programa. O propósito universal desses agitadores é instigar metodicamente o que, desde o famoso livro de Gustave Le Bon, *Psychologie des Foules* (1895), é geralmente conhecido como ‘psicologia de massa’ (grifo nosso).

Assim, pode-se perceber que, antes de tudo, o Fascismo é um fenômeno de massa e para compreender os seus processos de subjetivação é necessário compreender a Psicologia de Massas. É neste contexto que direcionaremos nossos estudos para aspectos da teoria freudiana que viriam a ser precursoras das psicologias do fascismo, em especial, a obra *Psicologia das Massas e análise do Eu*. (1921)

### 2.1 O ponto de virada freudiano no estudo da Psicologia das massas

A Psicologia das Massas, ou Psicologia das Multidões, surge no final do século XIX como um ramo da Psicologia Social. Aqui se entende "massa", tal qual exposto por Jesus (2013), "como a totalidade, grande maioria ou um número considerável de pessoas que mantêm entre si certa coesão de caráter social, cultural, econômico". Mais à frente, a autora

diz:

A pesquisa científica sobre os fenômenos de massa remonta meados do século XIX, principiou-se em um contexto europeu tomado pelos tumultos urbanos característicos do período, circunstância histórica que se tornou terreno propício para que pesquisadores refletissem acerca dos comportamentos de massa, a partir de uma ótica preconceituosa, em que estes eram vistos como irracionais, desordenados e instáveis. (JESUS, 2013.)

Nesta época, estava em vigor as agitações populares que sacudiram a Europa no século XIX e que reconfiguraram as forças políticas com o fortalecimento da classe operária, a emergência teórica do marxismo e o estabelecimento dos estados capitalistas-liberais. Safatle (2019, p.3), chama a atenção para o surgimento da Psicologia de Massas e o contexto histórico daquela época:

O campo da psicologia das massas nasce no final do século XIX no interior de uma conjunção explícita entre: criminologia, reflexão sociológica sobre o impacto social dos processos de urbanização na Europa, reflexão política sobre movimentos de massa, além de considerações sobre a psicologia do desenvolvimento.

Estes trabalhos tinham como objetivo explicitar as razões pelas quais os comportamentos dos indivíduos em massa diferiam dos comportamentos adotados a nível individual. Para este conjunto de pensadores que inauguraram a Psicologia das Massas, a massa, ou multidão, era vista como uma forma de regressão social e de involuções que ameaçavam as recém constituídas sociedades capitalistas industriais. Entre estes autores podemos citar: William MacDougall (1920), Wilfred Trotter (1908), Gabriel Tarde (1890), entre outros.

Dentre o grupo de autores citados, o representante mais ilustre foi sem dúvida nenhuma Gustave Le Bon (1841-1931). Ele acreditava, ao contrário do que até então se supunha, de que a massa não seria a soma da mentalidade individual de cada um dos seus componentes, mas que dessa junção de indivíduos resultaria uma inconsciência coletiva que poderia levar a sociedade a formas de regressão social. Mello Neto (2000) diz que o sociólogo francês detinha em seus escritos “o pensamento de que as sociedades foram e deveriam ser criadas e governadas por uma aristocracia, ao passo em que se deve evitar que o tecido social seja governado pelas massas, pois isso só levaria à destruição”.

Em suma: na visão de Le Bon as massas seriam novos componentes políticos que ameaçariam as estruturas do funcionamento coletivo, representado pelas instituições sociais, trazendo em sua força inconsciente, irracional e incontrolável um caráter destruidor à sociedade. Em sua obra mais famosa, *Psicologia das multidões* (1895/1980) ele indica:

Hoje, as reivindicações das multidões tomam-se cada vez mais definidas e procuram destruir de alto a baixo a sociedade atual, para a reconduzirem ao comunismo

primitivo que foi o estado normal de todos os grupos humanos antes da aurora da civilização. Tais reivindicações são a redução das horas de trabalho, a expropriação das minas, dos caminhos-de-ferro, das fábricas e do solo, a distribuição igualitária dos produtos, a eliminação das classes superiores em benefício das classes populares, etc. Pouco dadas ao raciocínio, as multidões mostram-se, em contrapartida, muito aptas para a ação. A organização atual torna poderosa a sua força. Os dogmas, que hoje vemos surgir depressa, hão de ter o poder dos velhos dogmas e ficarão investidos da força tirânica e soberana que os colocará ao abrigo de qualquer discussão. Assim o direito divino das multidões substitui o direito divino dos reis (LE BON, 1895/1980, p.5).

Essa interpretação conservadora e reativa da Psicologia de Massas terá seu ponto de virada com os textos sociais freudianos. Em *Psicologia de massas e análise do Eu* (1921), Freud supera a divisão estabelecida por MacDougall (1920), entre grupos organizados (grupos que tinham um funcionamento lógico-social, como por exemplos as instituições) e as massas (grupos desordenados que não seguiam uma lógica institucional), ao tomar como referência em sua análise dois casos do que se julgava ser os exemplos mais acabados de grupos organizados, a Igreja e o Exército, para reivindicar em sua estrutura os mesmos componentes psicológicos que se encontravam nas massas. Para Freud, tanto a Igreja como o exército se constituíam dos mesmos mecanismos psicológicos, ligações libidinais estabelecidas por processos de abnegação, não sendo possível mais tal diferenciação. Sobre a inovação freudiana, Safatle (2019, p.5-6) afirma:

O tamanho do passo dado por Freud pode ser compreendido se levarmos em conta um ponto. Contrariamente à tendência geral da psicologia social da época, que procurava distinguir a natureza da massa desorganizada e de grupos organizados, isto a fim de demonstrar que a regressão do primeiro não invalidava a racionalidade do segundo, Freud se serve exatamente de dois grupos organizados paradigmáticos, a saber, a igreja e as forças armadas, para descrever a natureza regressiva das massas. A distinção entre grupo e massa se perde de forma deliberada. Pois Freud quer defender que grupos como a igreja e as forças armadas demonstrariam, de maneira mais clara, o que só pode aparecer nas massas espontâneas de maneira 'mais camuflada'.

Com isso, Freud indica que a compreensão das instituições do mundo democrático pode lançar luz a fenômenos sociais no interior dos agrupamentos coletivos mais primitivos: as massas humanas e sua cadeia de relacionamentos libidinais. Em outras palavras: A psicologia das massas também é a psicologia das instituições sociais.

Tal afirmação, de certa forma, vai de encontro a duas das expectativas mais: fundamentais do estabelecimento das sociedades democráticas-capitalistas: o fortalecimento das ciências, da sociedade civil e o distanciamento das religiões. Contudo, Freud chama a atenção para o fracasso de tal "promessa" dos estados democráticos, pois tanto a Igreja como o Exército, estruturas sociais tão importantes do antigo regime, permanecem como instituições essenciais do estado de direito. Safatle (2019) concorda com tal opinião. Ele diz:



Se, para Freud, a história da democracia no ocidente será uma história de afastamentos malogrados em relação tanto ao núcleo teológico-político do poder quanto a suas figuras fortemente hierárquicas e militarizadas, se esses núcleos e figuras conhecerão retornos periódicos e constantes em lugares e momentos que menos se espera, é porque nunca de fato teríamos conseguido abandonar uma concepção teológico-política de poder (a secularização de nossas sociedades é um projeto bloqueado), nem nunca de fato teríamos nos livrados de uma realidade social cuja matriz fundamental de relação é a guerra, para ser mais preciso, a guerra civil (nossos Estados continuam sendo profundamente militares). É desta forma que, a partir de Freud, a psicologia das massas deixará de ser uma aplicação da noção clínica de doença como degenerescência tendo em vista dar conta de fenômenos sociais que colocariam em risco o horizonte de racionalidade da democracia liberal. Ela se tornará então a análise das latências de regressão imanentes a tal racionalidade. (SAFATLE, 2019, p.6).

Assim, a contribuição de Freud para a Psicologia das Massas foi mudar a sua perspectiva conservadora-reacionária baseada no conceito de doença e regressão, para uma análise dos processos inconscientes que, com sua lógica peculiar, permitem entender de que maneira a sociedade adere a projetos bélico-religiosos de Estado, tal como aconteceu na Europa na década de 1930.

## 2.2 O pioneirismo freudiano no estudo das psicologias do fascismo

Como já foi dito anteriormente, Freud não chegou a escrever sobre os movimentos fascistas que tomavam a elite política na Itália de Mussolini e na Alemanha nazista com Adolf Hitler. Contudo, sua obra sobre a psicologia das massas foi ponto de partida para autores que trataram explicitamente do tema das psicologias do fascismo anos depois como Wilhelm Reich e Georges Bataille.

Tal perspectiva acerca dos fenômenos psicológicos do fascismo só foi possível graças a *Psicologia das Massas e análise do Eu*, obra de 1921 na qual Freud redireciona seu olhar para agrupamentos sociais como a Igreja e o Exército. Foi este texto que possibilitou uma compreensão maior para os teóricos que viriam posteriormente de que as instituições sociais no mundo capitalista não teriam no fascismo um inimigo em comum a ser combatido, mas, sim, um recurso conveniente em determinadas condições histórico-sociais. Safatle (2019, p.6) comenta sobre o impacto dessa obra nas psicologias do fascismo:

[...] para Freud é claro que se nunca nos livramos do núcleo teológico-político do poder nem da guerra como paradigma central das relações sociais é porque a maneira com que os indivíduos modernos são constituídos, seus desejos socializados, a maneira com que os processos de individuação se realizam, perpetuam modos de relação social fundada em fantasmas de autoridade, cujos modelos historicamente constituídos são próprios ao amparo produzido pelo poder pastoral e pela submissão à soberania do líder da guerra. Ou seja, a individualidade moderna não seria exatamente o esteio de uma forma democrática de vida baseada na cooperação imanente e no respeito à integridade da pessoa. Ela seria a porta

aberta a todas as formas de regressão social. E não será por acaso que comportamentos xenófobos, racistas e violentos não virão necessariamente dos integrantes de famílias em decomposição, povos submetidos a crises profundas e submetidos a autoridade em degradação, mas também de famílias aparentemente sólidas, países aparentemente prósperos. A teoria freudiana deve ser vista pois como um momento fundamental de autocritica da modernidade e isto ficará muito claro quando a Escola de Frankfurt se voltar a ele para analisar o fascismo.

No que se refere a escola de Frankfurt, um de seus principais expoentes, Theodore Adorno (1903-1969), também irá reconhecer o trabalho seminal dos estudos de massa da teoria freudiana no reconhecimento dos mecanismos psicológicos fascistas. Em um texto chamado *A Teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda* (1951) ele diz que todo o quadro teórico posterior acerca dos acontecimentos do período entre guerras que marcou a ascensão do nazifascismo teve como origem *Psicologia das massas e análise do Eu*:

[...] acreditamos que não é exagero afirmar que Freud vislumbrou claramente a ascensão e a natureza dos movimentos de massas fascistas com suas categorias puramente psicológicas. Se é verdade que o inconsciente do analista percebe o inconsciente do paciente, pode-se presumir também que suas intuições teóricas são capazes de antecipar tendências que, embora ainda estejam latentes no plano racional, já se manifestam noutros mais profundos. Pode não ter sido acaso que, finda a I Guerra, Freud tenha virado sua atenção para o narcisismo e os problemas do ego de maneira mais específica. [...]. De acordo com Freud, o problema da psicologia de massa está intimamente relacionado com um novo tipo de padecimento psicológico, característico de uma era que, por motivos socioeconômicos, testemunha o declínio do indivíduo e seu subseqüente enfraquecimento. Embora Freud não tenha se preocupado com as mudanças sociais em curso, pode ser dito que, mesmo se limitando os confins monolíticos do indivíduo, ele conseguiu elaborar os traços de sua crise profunda e de sua vontade de inquestionavelmente se entregar as agências coletivas e poderosas existentes no mundo exterior. Apesar de nunca ter se devotado ao estudo dos desenvolvimentos sociais contemporâneos, Freud registrou tendências históricas ao desenvolver seu trabalho, escolher seus objetos de estudo e modificar seus conceitos orientadores. (ADORNO, 1951/2012, p.2-3).

Neste texto, Adorno, chama atenção para conceitos que Freud estabeleceu durante seu percurso histórico tais como: os conceitos de identificação, enamoramento e narcisismo. Conceitos estes que serão fundamentais no paradigma teórico freudiano.

Já foi dito anteriormente que para Freud, concepções autoritárias de poder não são anomalias políticas no seio da sociedade ocidental moderna, mas, sim, parte de sua estrutura fundamental. Sempre se recorre a esses esquemas de poder quando se é útil recorrer. No entanto, se movimentos extremos, como o Fascismo, são filhos da nossa própria configuração de sociedade, é porque eles se apoiam em uma dimensão subjetiva dos indivíduos desejantes do tecido social. Sabendo disso, Freud se volta aos processos de constituição da subjetividade, isto é, aos processos de formação do Eu. O pai da psicanálise rejeitava a ideia de oposição entre psicologia social e psicologia individual. Logo no primeiro parágrafo de *Psicologia das*

*massas e análise do Eu*, Freud desfaz a dualidade social x individual. diz ele:

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinamos mais detidamente [...]. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado (FREUD, 1921/2010, p.10).

Para a psicanálise, portanto, o processo de constituição do Eu é resultado da socialização. Só em contato com este outro é que o sujeito pode constituir-se como indivíduo desejante. Neste aspecto, dois conceitos serão de suma importância para compreendermos os processos de subjetivação relacionados ao fascismo: identificação e enamoramento.

### **2.3 A Identificação e o enamoramento como processos psíquicos básicos da relação massa-líder**

É curioso notar que os regimes fascistas em geral, sempre foram capazes de arregimentar as massas na figura de um líder. O próprio significado da palavra *Fuher*, (termo designado à figura de Hitler) em alemão, significa "o condutor", "guia" ou "líder" da nação, aquele que guiará e protegerá a massa de toda e qualquer ameaça, direcionando-a para a vitória e consagração. Para Freud, o vínculo que integra os indivíduos na massa é de natureza libidinal e a chave para entender as massas e sua relação com o líder, passa por dois conceitos: o de identificação e o de enamoramento. A Identificação, segundo Freud (1921/2010, p.46), é “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa.” Há na identificação uma introjeção no Eu por características do objeto, ou nas palavras de Freud (1921/2010, p.56) “No caso da identificação o objeto foi perdido ou renunciou-se a ele; então é novamente instaurado no Eu, e este se altera parcialmente conforme o modelo do objeto perdido.”

Mas Freud não quer somente descrever modelos psíquicos de interação social, ele quer buscar suas raízes. Ele critica a psicologia social de sua época ao tomar o sujeito isolado na massa sem compreender relações mais elementares que possibilitaram a este indivíduo ser corpo do tecido social. Daí sua preocupação em voltar as relações familiares como gênese dos processos de identificação. Em *O homem Moisés e a religião monoteísta*, ele dirá:

Há nas massas humanas uma forte necessidade de uma autoridade que se possa admirar [...] A psicologia do indivíduo nos ensinou de onde vem tal necessidade das massas. Trata-se da nostalgia do pai interessar-se justamente pela relação de membros de uma massa e seu líder (FREUD, 1939/2010, p. 207).

Desta forma, Freud recorre ao contexto familiar para explicitar as formas pelas quais as instituições políticas marcam nossos projetos de subjetivação. Safatle (2019) dirá que para "compreender a dinâmica do político nas sociedades modernas faz-se necessário uma teoria que vincule os processos de formação do Eu à análise da natureza dos vínculos entre sujeitos e figuras de autoridade", e em nossa configuração de sociedade, o primeiro modelo de autoridade com o qual nos deparamos é o Pai. Será ele a figura da Lei, é com ele que nós teremos que nos identificar primeiramente, ou seja, a identificação com o Pai em um momento "pré-histórico" ao complexo de Édipo é base das identificações ulteriores da vida simbólica dos indivíduos. Sobre a identificação e a sua importância para o Complexo de Édipo, Freud (1921/2010, p.46) indica:

O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal. Essa conduta nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina diante do pai (ou dos homens em geral); é tipicamente masculina. Mas harmoniza-se bem com o complexo de Édipo, e ajuda a preparar o terreno para este.

Sobre esse trecho da obra Freudiana, Safatle (2019) irá chamar a atenção para as resoluções do Complexo de Édipo na estrutura psíquica do indivíduo. Ele dirá:

Freud se propõe a descrever a lógica dos processos de identificação na esfera familiar a partir do Complexo de Édipo. A seu ver, isto poderia dar conta da natureza da relação do indivíduo ao líder das massas, assim como do sistema de expectativas que ela suporta. Do Complexo de Édipo guardemos aqui este processo que vemos mais claramente no caso da criança masculina. A fim de ser reconhecido como sujeito no interior do núcleo familiar, ele deve se identificar com o pai e com a ordem que ele estabelece. Isto significa não poder realizar o investimento libidinal neste primeiro objeto que lhe proporcionou satisfação libidinal, ou seja, a mãe. [...]No entanto, esta identificação implica em internalização de princípios de conduta através da formação de um "Ideal do eu" e de dispositivos de repressão a moções pulsionais através daquilo que Freud chama de "supereu" (SAFATLE, 2019, p. 27).

Assim, a identificação com a figura paterna, em palavras freudianas, "ajuda a preparar o terreno para o Édipo", fase esta que marcará a renúncia ao investimento libidinal do amor da mãe. Esse evento ocasionará o surgimento de instâncias psíquicas que irão pautar uma série de modelos pulsionais, modelos de ser e estar no mundo, condutas, regras e proibições do que fazer ou não na sociedade. O indivíduo se depara com a ordem de "um não fazer", ou seja, se depara com a Lei enquanto organismo simbólico. Este aparato de normas de conduta vêm através daquilo que eu devo ser para a sociedade de acordo com as normas parentais e sociais enquanto membro de uma comunidade simbólica (um ideal do Eu) e das exigências e interdições as quais irei me deparar (Supereu) para me tornar este ideal; e este processo entre aquilo que eu devo ou não fazer ou daquilo que posso ou não fazer, vem sempre com um conflito, ou seja, Freud assume o conflito como carro-chefe das relações

humanas, e é nas relações familiares que temos acesso a esta luta de uma forma primeva.

Ao longo de sua obra, Freud deixa claro que a Identificação em relação ao objeto pulsional pode se manifestar das mais variadas formas; traços de personalidade, sintomas e até ideias. Se Freud faz este percurso teórico é para mostrar que as relações conflituosas familiares irão pautar as relações de autoridades na nossa sociedade, e o Líder, antes de tudo, é uma figura de autoridade para as massas. Sabendo disto, o pai da Psicanálise dirá que:

Após essas discussões estamos preparados para oferecer uma fórmula relativa à constituição libidinal de uma massa. [...] *Uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu.* (FREUD, 1921/2010, p. 59, grifo nosso).

Assim, os componentes de uma massa têm entre si identificações horizontais, visto que cada um de seus membros se identifica de forma vertical com a figura do líder, “impondo restrições ao narcisismo” e dando aos seus membros uma ideia de “pertencimento”. No entanto, o mais importante a deduzir desta afirmação é perceber que este objeto, projetado como ideal do Eu, é a figura do líder. Adorno (1951/2012, p.8) compara a identificação com o Narcisismo, conceito freudiano que indica o investimento libidinal no próprio eu ao falar que:

O caráter primitivamente narcísico da identificação como um ato de devorar, de fazer o objeto amado parte de si mesmo, pode-nos providenciar uma explicação para o fato de que a moderna imagem do líder parece, às vezes, o alargamento da própria personalidade do sujeito, uma projeção coletiva de si mesmo.

Isto é, assim como podemos nos identificar com o líder como um paradigma moral acerca das atitudes e condutas, essa identificação tem um caráter narcísico na medida em que o líder é aquele que, em uma determinada situação, “faz aquilo que eu gostaria de fazer” ou fala o que “eu gostaria de falar”. No caso alemão, Hitler foi aquele que falou o que muitos alemães da época gostariam de ouvir; ele era reconhecido como um excelente e inflamado orador, menos pelos seus talentos de retórica, mas principalmente, pelos seus excessos passionais, que reverberavam projetivamente a paixão de sua massa fascista por ele e suas ideias.

Contudo, em casos de regimes autoritários ou em certas massas artificiais, isto é, aquelas nas quais uma certa coação externa é empregada para evitar dissoluções e impedir mudanças em sua estrutura, a situação requer mecanismos identificatórios mais aprimorados. É célebre a passagem que Freud fala da Igreja e do Exército como exemplos de tal processo. Ele fala que uma hipotética destruição de seus respectivos líderes - Cristo no caso sacro e o General no caso bélico - poderia ocasionar um rompimento das ligações libidinais entre os

indivíduos da massa. Com a perda do líder, "desaparecem também - via de regra - as ligações recíprocas dos indivíduos da massa. A massa se pulveriza como uma lágrima batávica de que quebramos a ponta em qualquer sentido" (FREUD, 1921/2010, p.40). Nesta passagem, Freud quer discorrer sobre o enamoramento que as massas possuem em relação ao líder ao indicar que uma possível destruição do líder pode ocasionar o rompimento das ligações libidinais de coesão da Massa. Mais adiante, Freud (1921/2010, p.55) expõe que no enamoramento há uma construção de um processo de idealização do objeto de desejo:

O que aí falseia o juízo é o pendor à idealização. Com isso nós vemos facilitada a orientação; percebemos que o objeto é tratado como o próprio eu, que então, no enamoramento, uma medida maior de libido narcísica transborda para o objeto. Em não poucas formas da escolha amorosa torna-se mesmo evidente que o objeto serve para substituir um ideal não alcançado do próprio eu. Ele é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio eu, e que através desse rodeio procura obter, para satisfação de seu narcisismo.

Pode-se perceber, que o enamoramento é produto do Narcisismo, à medida que o amor carrega consigo suas doses de identificação, isto é, eu amo no objeto pulsional aquilo que ele tem em comum comigo e aquilo que ele tem e que eu gostaria de ter. No que diz respeito aos movimentos de massas do fascismo e suas relações com o líder, tal afirmação demonstra-se de maneira mais evidente, visto que o líder da massa é aquele que materializa em sua pessoa os anseios da massa em busca de seus objetivos pulsionais, além de se valer de grande prestígio perante os demais por conta de seus atributos "inabaláveis"; Assim, todos querem ser como o líder.

No enamoramento, o objeto assume o lugar do ideal do Eu, fazendo "o fato de o objeto amado gozar de uma certa isenção de crítica, de todos os seus atributos serem mais valorizados que os de pessoas não amadas, ou que numa época em que ele mesmo não era amado" (FREUD, 1921/ 2010, p. 54). Mais à frente, Freud (1921/2010, p.56) diz:

Agora é fácil descrever a diferença entre a identificação e o enamoramento em suas mais desenvolvidas formas, chamadas de 'fascínio' e 'servidão enamorada'. No primeiro caso o Eu se enriqueceu com os atributos do objeto, introjetou-os, na expressão de Ferenczi; no segundo ele está empobrecido, entregou-se ao objeto, colocou-o no lugar de seu mais importante componente.

Desta forma, Freud indica o enamoramento como uma "diminuição do Eu", uma espécie de decaimento do Eu em relação ao objeto, o enamoramento das massas perante o líder decorre de uma servidão voluntária ao que o líder fala ou pensa. Freud (1921/2010, p.57), inclusive, compara o enamoramento das massas ao processo de hipnose. Ambas têm "a mesma humilde sujeição, mesma docilidade e ausência de crítica ante o hipnotizador, como diante do objeto amado". Ele diz:

O hipnotizador é o único objeto, nenhum outro recebe atenção além dele. O fato de o Eu vivenciar sonhadamente o que ele afirma e solicita nos lembra que descuidamos de incluir, entre as funções do ideal do Eu, também o exercício da prova da realidade. Não admira que o Eu tome por real uma percepção, quando essa realidade tem o aval da instância psíquica normalmente encarregada do teste da realidade. [...] A relação hipnótica é uma irrestrita entrega enamorada em que se acha excluída a satisfação sexual, enquanto no enamoramento esta é empurrada temporariamente para trás e fica em segundo plano, como possível meta futura (FREUD, 1921/2010, p.57).

Décadas mais tarde, Reich falará sobre o potencial fascista na capitalização dos sentimentos emocionais da massa, indicando que o Fascismo "é o somatório de todas as reações irracionais do caráter do homem médio" (REICH, 1933/1988, p. XX). De certa forma, Freud antecipou o caráter irracional do amor das massas pela figura do líder e os ideais que ela carrega ao dizer que "tudo o que o objeto faz e pede é justo e irrepreensível. A consciência não se aplica a nada que acontece a favor do objeto; na cegueira do amor, o indivíduo pode se tornar, sem remorsos, um criminoso" (FREUD, 1921/2010, p. 56).

#### **2.4 Seria o líder das massas o Pai primevo?**

Mais do que os processos de identificação e enamoramento, podemos ver em Freud, o mito do Pai primevo para marcar substancialmente a relação da massa com seu líder. No capítulo X de *Psicologia das massas e análise do Eu*, Freud indica que a Massa pode ser comparada à horda primeva, ao dizer que a "forma primeva da sociedade humana foi a de uma horda governada irrestritamente por um macho forte" (FREUD, 1921/2010, p. 65). Este Indivíduo que detinha o poder absoluto (Freud o compara ao *Übermensch* nietzschiano) na horda, assume em termos contemporâneos a figura do líder.

Adorno (1951/2012), décadas depois, retomou o papel originário do pai da horda na figura do líder ao destacar a função que este desempenha nas ideologias fascistas de capitalização dos sentimentos das multidões. Ele diz:

A agitação fascista está centrada na ideia do líder, não importando se ele realmente lidera ou se não passa do delegado de grupos de interesse, porque, psicologicamente, somente a imagem do líder está apta a reanimar a ideia de pai primitivo, ameaçador e todo-poderoso. É esta a raiz última do outro modo enigmático personalismo da propaganda fascista, de seu incessante despejar de nomes e pretensos grandes homens, que ocupam o lugar da discussão das causas objetivas aqui envolvidas. (ADORNO, 1951/2012 p.7).

O mito do Pai da horda é uma alegoria a qual Freud se utiliza para explicitar os fundamentos da nossa sociedade; uma sociedade marcada pela culpa em relação a figuras de autoridade; culpa essa advinda do assassinato do Pai originário. Em Totem e Tabu, ele expõe

de maneira mais detalhada tal mito:

Um dia, os irmãos que tinham sido expulsos das hordas se uniram, mataram e comeram o pai, colocando assim um fim à horda paterna [...] que eles tenham comido o cadáver, isto é evidente para o selvagem canibal. O pai originário tirânico fora certamente o modelo invejado e temido de cada um dos membros da irmandade. Assim, através do ato de comê-lo, eles realizaram a identificação com o pai [...] O festim totêmico, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição deste gesto criminoso memorável que está no começo de tantas coisas: organizações sociais, restrições morais e religião [...] Eles odiavam o pai que representava um forte obstáculo às suas necessidades de poder e às suas exigências sexuais, mas eles também o amavam e o admiravam. Uma vez que eles o eliminaram, satisfizeram seu ódio e realizaram seu desejo de com ele se identificar, as moções tenras que tinham sido violentadas reapareceram. Isto se produziu sob a forma do arrependimento (Reue) - desenvolve-se um sentimento de culpa que coincide com o arrependimento sentido coletivamente. (FREUD, 1913/2010, p. 141).

É através dessa espécie de culpa originária que a coletividade optou pelos caminhos de subjetivação relacionados a fantasmas de autoridades que remontam a este Pai dos primeiros tempos. Através da culpa originada pelo Pai primevo é que a sociedade construiu modelos sociais que buscam compor o vazio do desamparo deixado pela sua ausência: as religiões, os sistemas sociais e o modelo patriarcal de sociedade; é por meio disto que a nossa visão de sociedade está sempre em uma posição melancólica à espera de novas figuras de liderança que queiram ocupar este lugar. Assim, “as sociedades modernas estariam abertas ao retorno de figuras superegóicas de autoridade vindas na linha direta do mito do pai primevo, deste objeto perdido inicial, ou que permitem a identificação com tais tipos ideais.” (SAFATLE, 2019, p.42).

Freud lembra que os assassinos do pai primevo erigiram os primeiros símbolos religiosos da humanidade: os totens. Eles surgiram como forma de homenagear o Grande pai. Pode-se perceber que ao mesmo tempo que o odiavam, os filhos, que agora em conjunto detinham o poder, também amavam seu pai.

Sobre este trecho em especial da obra freudiana e suas considerações sobre as relações sociais, Safatle (2019, p.42) conclui:

Por isto, devemos compreender a criação do mito do assassinato do pai primevo como a maneira, disponível a Freud, de dizer que, em relações sociais atuais, os sujeitos agem como quem carrega o peso do desejo de assassinato de um pai que nada mais é do que a encarnação de representações fantasmáticas de autoridade soberana. O fundamento da vida social é a revolta e sua impotência. O mito do pai primevo é assim a representação imaginária própria a um tempo que vê a essência de todo poder como regulação e administração da satisfação subjetiva.

Para finalizar seus estudos de massa, Freud (1921/2010, p.71) conclui sua teoria acerca das lideranças nos contextos populares, tão caros às psicologias do fascismo:

O caráter inquietante e compulsivo da formação da massa, evidenciado em seus fenômenos de sugestão, pode então ser remontado, com justiça, à sua origem a partir



da horda primeva. O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu. A hipnose tem direito a ser descrita como uma massa a dois; para a sugestão resta a definição de ser um convencimento que não se baseia na percepção e no trabalho do pensamento, mas na ligação erótica.

Em uma ilustre troca de correspondências com Albert Einstein (1879-1955), promovida pela liga das nações (que alguns anos depois daria origem a Organização das Nações Unidas) com o título de *“Por que a Guerra?”* (1922), Freud retoma o mito do pai primitivo para explicar que a noção de poder advém da noção de violência, visto que em tempos remotos o chefe da tribo era o mais forte, pois através da materialização de sua violência ele detinha o poder. No entanto, com o desenvolvimento da civilização, ocasionado pela morte do Pai da horda, a Lei foi instrumentalizada como nova forma de violência, ou seja, instrumento de poder, mas dessa vez não de um indivíduo, e sim, da comunidade.

Freud (1922/1996, p.134) diz que: “a lei é a força de uma comunidade. Ainda é violência, pronta a se voltar contra qualquer indivíduo que se lhe oponha. [...] A única diferença real reside no fato de que aquilo que prevalece não é mais a violência de um indivíduo, mas a violência da comunidade”. No entanto, ele reconhece que a Lei assume caráter seletivo ao se incluir como forma de intermediação na relação entre indivíduos. Assim, a justiça da comunidade passa “a exprimir graus desiguais de poder nela vigentes. As leis são feitas por e para os membros governantes e deixa pouco espaço para os direitos daqueles que se encontram em estado de sujeição” (FREUD, 1922/1996, p.135).

Ao dizer isso, a intenção de Freud era expor a Einstein que a guerra é o mecanismo de expressão da violência utilizada pela sociedade moderna, de suas pulsões primitivas de destruição e dos seus desejos de agressão. Por tudo isso, Freud conclui que seria muito difícil evitá-la. Tal exposição não se mostrou mais do que acertada: alguns poucos anos depois se iniciava a segunda Guerra Mundial, tendo o Nazifascismo, protagonismo absoluto em sua origem. [Detalhe: este texto de Freud foi feito em 1932, um ano antes da lei Habilitante, lei esta que dava a Hitler plenos poderes políticos no governo alemão e possibilitava sua escalada de destruição contra o mundo. Neste momento, talvez, o pai da psicanálise já soubesse que um conflito bélico em um futuro próximo seria altamente provável. Ele diz:

A guerra se constitui na mais óbvia oposição à atitude psíquica que nos foi inculcada pelo processo de civilização, e por esse motivo não podemos evitar de nos rebelar contra ela; simplesmente não podemos mais nos conformar com ela. Isto não é apenas um repúdio intelectual e emocional; nós, os pacifistas, temos uma intolerância constitucional à guerra, digamos, uma idiossincrasia exacerbada no mais alto grau. Realmente, parece que o rebaixamento dos padrões estéticos na

guerra desempenha um papel dificilmente menor em nossa revolta do que as suas crueldades. E quanto tempo teremos de esperar até que o restante da humanidade também se torne pacifista? Não há como dizê-lo. Mas pode não ser utópico esperar que esses dois fatores, a atitude cultural e o justificado medo das consequências de uma guerra futura, venham a resultar, dentro de um tempo previsível, em que se ponha um término à ameaça de guerra. Por quais caminhos ou por que atalhos isto se realizará, não podemos adivinhar. Mas uma coisa podemos dizer: tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra (FREUD,1922/ 1996, p. 142).

Por tudo o que já foi visto até aqui, podemos classificar Freud como um autor precursor das Psicologias do Fascismo. Com seus estudos sociais abordando a psicologia de massas e a relação dos agrupamentos humanos com o líder, Freud anunciou uma série de caminhos teóricos que poderiam ser melhor explorados referentes aos fenômenos de massa de viés autoritário.

Nos próximos capítulo, abordar-se-á as concepções do pensamento de herdeiros da tradição freudiana que foram contemporâneos ao desenrolar dos fatos que culminaram na ascensão do fascismo: Wilhelm Reich e Georges Bataille.

### 3 WILHELM REICH: a psicologia política como instrumento de resistência ao Fascismo

Dentre os autores citados neste trabalho, certamente o de biografia mais polêmica será Wilhelm Reich (1897-1957). De psicanalista promissor a *persona non grata* na Associação Psicanalítica Internacional, Reich fez da sua vida um retrato fiel de sua obra: Um combate radical a estruturas de dominação psíquica, tendo justamente na libertação sexual seu componente crucial. Não à toa, terá seus escritos revisitados na década de 1960 pela contracultura, sendo uma figura central, mesmo que postumamente, dos movimentos políticos de maio de 1968 na França e ao redor do mundo.

Nascido em Dobz, pequena comunidade localizada no império Austro-húngaro, de família judia, assim como Freud, Wilhelm Reich foi um dos primeiros representantes daquilo que se costumou chamar do “Freudo-Marxismo”, isto é, conjunto de pensadores que relacionavam o emergente conhecimento psicanalítico com as teorias de Karl Marx. Reich foi membro ativo do partido comunista alemão no final da década de 20, tendo escrito, inclusive, textos que buscavam sintetizar o materialismo dialético-histórico com os conhecimentos da teoria das pulsões freudiana. Em *Materialismo Dialético e Psicanálise* (1929), ele diz:

No meu trabalho sobre as relações entre a psicanálise e o materialismo dialético, tentei provar que a psicanálise é o núcleo a partir do qual devia ser desenvolvida uma psicologia materialista-dialética. Dado que a concepção burguesa do mundo dos sábios introduz geralmente nas suas próprias disciplinas concepções deformadas e princípios falsos, todo o ensaio de psicologia materialista e dialética requer, primeiramente uma crítica metodológica. (REICH, 1929/1988, p. 73).

No entanto, ele encontrou sérias dificuldades dentro do partido comunista para disseminar sua concepção psíquico-dialética dos fenômenos históricos, já que a Psicanálise era tida por muitos como uma “ciência burguesa”. Reich posteriormente irá confrontar a ortodoxia dos partidos comunistas, ao dizer em *Psicologia de massas do Fascismo*:

Os partidos marxistas da Europa fracassaram e conheceram o declínio (não digo isso com prazer), por terem tentado enquadrar um fenômeno essencialmente novo, como é o fascismo do século XX, em conceitos apropriados ao século XIX. Foram derrotados como organização social porque não souberam manter vivas e desenvolver as possibilidades vitais que cada teoria científica encerra (REICH, 1933/1988, p. 18).

A importância de Reich nas Psicologias do Fascismo se dá pela sua ênfase em estreitar as noções de fascismo e sexualidade no seio da família burguesa. Mais do que isso, Reich mostra como o movimento se utilizou de estratégias psicológicas de identificação à família autoritária para estabelecer estruturas de associação a ideais de honra, nação e

sacrifício. Tais formas de controle do desejo irão pautar a subjetividade das massas, criando em suas engrenagens uma série de personalidades fascistas. Safatle reconhece o mérito histórico de Reich nas *Psicologias do Fascismo* ao dizer que Reich “é praticamente o primeiro a insistir que há uma personalidade fascista, que o fascismo é uma forma de personalidade” (SAFATLE, 2019, p.65). É justamente esta personalidade fascista que normatizará a produção do desejo.

Para Reich (1933/1988), a questão central dos processos de poder não está nos fatores que levaram ao fascismo dominar as massas, nem como as massas aceitaram esta dominação. O problema central seria: *como* elas desejaram essa dominação? Como o próprio diz: “o que se pretende explicar não é por que motivo o esfomeado rouba ou o explorado faz greve, mas por que motivo a maioria dos esfomeados não rouba e a maioria dos explorados não faz greve” (REICH, 1933/1988, p. 38).

Com essas afirmações, Reich mostra que havia um horizonte psíquico em aberto e que caberia à Psicanálise estar na linha de frente da investigação. A esta altura, porém, ele já havia dado início a um processo irreversível de cisão com Freud, o qual irá marcar sua vida e seu trabalho.

### **3.1 A cisão com Freud e o estabelecimento de uma política sexual**

No capítulo I, ao se abordar os aspectos da teoria freudiana, foi dito que a constituição da subjetividade do indivíduo moderno é pautada no conflito entre a Lei e o desejo, gerando a divisão psíquica constituinte da sociedade. Desse modo, “o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais” (FREUD, 1930/2010, p. 31). Dito isto, pode-se empreender que a antítese entre satisfações pulsionais e exigências culturais é responsável por todo o espectro da subjetividade humana, inclusive aquelas de tipo patológico.

Por outro lado, Freud reconhece que os mecanismos de renúncia do desejo foram os responsáveis pelo estabelecimento e a evolução da própria civilização. Ainda que ele faça ressalvas a este processo ao dizer que a civilização imprime uma grande quantidade de sofrimento psíquico aos seus membros, a inibição da atividade sexual – tanto em sua forma erótica como a “inibida em sua meta” – foi fundamental no domínio da natureza pelo homem e responsável pelas diferentes formas de apreensão da realidade, favorecendo o desenvolvimento das ciências e das expressões artísticas, o que em sua opinião, são as grandes manifestações do pensamento humano (FREUD, 1930/2010).

Em *O mal estar na civilização* (1930/2010), Freud vai retomar a sua teoria baseada em um dualismo pulsional, já apresentada originalmente em *Além do princípio do prazer* (1920). Ele indica que a vida carrega em si um constante embate entre energias pulsionais de caráter antagônico: as pulsões de vida (Eros) e as pulsões de morte (Thanatos). Freud diz que este antagonismo está na gênese da natureza humana e que acabou por impulsionar o desenvolvimento civilizatório.

É importante dizer que a teoria pulsional que Freud estabelece é um dos pilares do conhecimento psicanalítico e o pai da psicanálise faz questão de reforçar a sua importância ao falar: “No começo expus apenas tentativamente essas concepções, mas com o tempo elas ganharam tal ascendência sobre mim, que já não posso pensar de outro modo” (FREUD, 1930/2010, p.56). Não é para menos: com este recorte teórico, Freud quer dizer que o dualismo pulsional presente em sua obra abarcava algo de primitivo e rudimentar na subjetividade do homem, evocando a sua agressividade e destrutividade natural.

Esta visão, no entanto, foi contestada enfaticamente por Reich. Em um texto chamado “*O caráter Genital e o Caráter Neurótico*” de 1929 e que posteriormente terá uma edição como um capítulo de seu livro *Análise do Caráter* (1933), Reich defende a existência de duas estruturas também antagônicas entre si: o caráter genital e o caráter neurótico. O caráter genital seria um estado ideal que estaria relacionado ao desenvolvimento satisfatório e desejável da energia libidinal na constituição psíquica, já o caráter neurótico estaria relacionado a desenvolvimentos deficitários desta energia no aparelho psíquico do indivíduo, levando conseqüentemente a quadros patológicos. Sobre o caráter genital diz ele:

O pensamento do caráter genital orienta-se para fatos e processos objetivos. O caráter distingue o essencial do não-essencial ou menos essencial; tenta considerar e eliminar perturbações emocionais irracionais; é, em termos de sua natureza, funcional, isto é, capaz de se adaptar, não é mecanicista nem místico. Suas opiniões são resultados de um processo de pensamento. O pensamento racional está aberto a argumentos objetivos, porque tem dificuldade de funcionar sem contra-argumentos objetivos. (REICH, 1933/2001, p. 466).

Já sobre o caráter neurótico, ele argumenta:

Certamente, o caráter neurótico tenta também orientar-se para fatos e processos objetivos. Mas nele o pensamento racional está misturado com a estase sexual crônica e afetado por esta, motivo pelo qual também se orienta em certa medida pelo princípio da evitação do desprazer. Assim, o caráter neurótico usará vários meios para evitar processos e acontecimentos que, se examinados, produziriam desprazer, ou estariam em desacordo, por exemplo, com um sistema de pensamento do caráter compulsivo; ou investigará esses processos e acontecimentos de modo tão irracional que o objetivo racional se tornará inatingível. (REICH, 1922/2001, p.467).

Portanto, apesar de Reich concordar com Freud e reconhecer a sexualidade como centro da vida psíquica dos sujeitos, ele destoa de seu mestre ao imputar as grandes

realizações humanas e o domínio da racionalidade a uma vivência satisfatória da vida sexual, ou seja, ao caráter genital, pensamento este que difere em muito da obra freudiana. Albertini (2003, p.17) resume assim:

Nesse ponto não devemos deixar de perceber uma diferença de fundo entre as perspectivas de Freud e Reich em relação ao tema sexualidade. Para o primeiro, como visto na parte inicial deste trabalho, a função sexual humana estaria em processo de involução e a civilização seria produto da restrição sexual; sem a mesma não haveria desvio de energia para a sua construção. O modelo é o de uma quantidade fixa de energia que, se for gasta inteiramente de uma forma, impossibilita outra maneira de emprego. Numa completa inversão da equação freudiana, para Reich, a vivência sexual orgástica geraria as melhores condições para a ocorrência de sublimações e, portanto, de cultura no seu sentido mais desenvolvido. [...]Assim, *pode-se afirmar que o autor substitui a tese freudiana da "sexualidade ou cultura" pela da "sexualidade e cultura"*. (Grifo nosso).

As visões diferentes acerca do funcionamento da economia libidinal, de seus impactos na constituição psíquica do indivíduo e da influência desta no desenvolvimento da civilização provocarão o primeiro ponto de cisão entre ambos. Enquanto Freud achava o dilema “sexualidade e cultura” irreconciliável, mas, ao mesmo tempo, motor do desenvolvimento da cultura, Reich acreditava que a chave do progresso da humanidade estaria justamente na presença do caráter genital na estrutura sexual, possibilitando, assim, uma relação mais satisfatória com o sexo e afastando do aparelho psíquico as formações de caráter neurótico, responsáveis em grande parte pelas neuroses do século.

### **3.2 As discordâncias políticas e a ruptura definitiva com o movimento psicanalítico**

Apesar das discordâncias acerca da teoria pulsional, o fator preponderante para a expulsão de Reich do movimento psicanalítico foi sua intensa atividade política, sobretudo em um contexto marcado pela ascensão do nacional-socialismo como força política no território europeu, onde a psicanálise optou por um movimento de neutralidade, tentando se colocar acima das disputas ideológicas.

No fim dos anos 20 e início dos anos 30, nas atitudes de Freud, predominavam uma neutralidade política instintiva e um ceticismo sem ilusões para com as divisões partidárias e discussões políticas, que, afinal frente à ameaça do Nacional-socialismo, se transformaram numa crescente atitude fatalista. (LOHMAN; ROSENKOTTER, 1984, p.51).

Esta atitude de neutralidade que a Psicanálise resolveu adotar frente a escalada do fascismo, foi tomada com o intuito de conservar as instituições psicanalíticas tanto em Viena como em Berlim da truculência do partido nazi, que já havia não só queimado muitas das obras de Freud, como também censurado a atividade profissional de vários psicanalistas.

É necessário lembrar que tais discordâncias se dão entre o final da década de 20 e início da década de 30, período este que foi o de maior ativismo político de Reich. É nesta época que ele funda, em Berlim, a Sexpol, que em suas próprias palavras consistia em “uma organização alemã que se ocupava das atividades política sexual das massas” (REICH, 1933/1988, p.25). Reich (1933/1988) acreditava que a conscientização das massas a respeito da importância da atividade orgástica era fundamental no movimento de emancipação política das classes populares.

Tais considerações acerca desta espécie de pedagogia sexual defendida por Reich era fortemente contestada por Freud, sobretudo pelo seu caráter político. Como já foi dito, Reich em sua juventude foi um militante do partido comunista. Freud, por outro lado, era partidário de um ceticismo político e tentava colocar a Psicanálise como uma ciência não vinculada a nenhum partido. Mais ainda, na obra freudiana é possível encontrar até mesmo uma crítica aos desdobramentos políticos referentes aos da revolução Russa (1917-1923). Se no início, de acordo com Dunker (2018), Freud se mostrava otimista com os rumos da revolução, considerando até mesmo a inclusão do Instituto Psicanalítico de Moscou na Associação Psicanalítica Internacional, após a morte de Lenin, em janeiro de 1924, tudo muda: “A partir da ascensão de Andrei Jdanov, que ficou responsável pela política de cultura no regime de Stálin, a psicanálise será considerada uma ciência burguesa, individualista, mecanicista e contrarrevolucionária”. (DUNKER, 2018). Estes acontecimentos fizeram Freud (1930/2010, p.51) reavaliar o empreendimento bolchevique indicando que o “seu pressuposto psicológico é uma ilusão insustentável”. O pai da psicanálise conclui: “Só nos perguntamos, preocupados, o que farão os soviets após liquidarem seus burgueses” (FREUD, 1930/2010, p. 52).

Curiosamente, Reich, anos depois, também irá reconhecer o fracasso da experiência soviética, principalmente no que diz respeito a libertação sexual no interior da família autoritária. Segundo ele diz em *A Revolução Sexual (1936)*, “a Rússia Soviética que surgiu duma revolução proletária, é hoje, 1944 - lamento profundamente ter que declará-lo -, sexual-politicamente reacionária” (REICH, 1936/1982, p.9).

Por tudo isto, somado às constantes críticas de Reich em relação a posição de neutralidade a qual a IPA resolveu adotar, o idealizador da Sexpol é expulso da Associação Internacional de Psicanálise. Esta expulsão aconteceu em uma reunião da IPA em 1934. Sobre este momento Braimin e Kaiminer (1984, p.27), falam:

A razão principal de sua exclusão foi sua crítica à DPG e à IPA, face aos nazistas: “... mesmo surrado mantém-se a dignidade. Os livros de Freud foram queimados por

Adolf Hitler. [...], A Psicanálise de Freud é, cada vez mais, reconhecida como ciência e tem uma representatividade real no campo do movimento revolucionário, mas continua-se aristocrata. Fica-se sentado em poltronas, tranquilizando-se com o espírito objetivo” (Reich, 1934, p.59). “Tentam-se esconder-se atrás de ilusões, como é o caso da crença no ‘apocalíptico’; isto é, manter a parte política da natureza totalmente afastada da ciência. Isto, porém não vai impedir que as forças políticas sintam de onde vem o perigo, e passem a combatê-lo adequadamente (por exemplo, a queima dos livros de Freud).

A previsão de Reich não seria mais certa: alguns anos depois, o cerco nacional-socialista à comunidade psicanalítica aumentou ainda mais, gerando uma emigração forçada de Freud e outros profissionais; Reich estava entre eles. Ele foi para os Estados Unidos, onde, após o fim da guerra, foi perseguido por autoridades americanas, sendo preso em 1957. Ele veio a falecer de um ataque cardíaco, no mesmo ano.

### 3.3 Inovações Reichianas: o psicológico no centro do debate político

Publicado em 1933, *Psicologia de massas do Fascismo* pode ser considerado um marco no estudo das Psicologias do Fascismo. Foi um dos primeiros textos que redirecionou o foco da análise política para aspectos psicológicos do movimento nacional-socialista que até então acabara de tomar o poder no cenário político alemão. Se no início da década de 30, o fascismo ainda era considerado como um “partido político que à semelhança de outros ‘grupos sociais’ defendia uma ideia política organizada” (REICH, 1933/1988 p.11), Reich, por outro lado, defendia uma nova abordagem na compreensão dos fenômenos fascistas; e isto se devia, em especial, aos acontecimentos que possibilitaram a ascensão do Nazismo ao poder.

O Nazismo entrou para as páginas dos livros de História como um movimento autoritário, baseado na ideologia antisemita, supressão das liberdades individuais e de direitos sociais. No entanto, engana-se quem pensa que todo este poder que o regime de Adolf Hitler conseguiu foi feito à revelia das massas; pelo contrário, em 1932, um ano antes da *Lei de Concessão de Plenos Poderes*, (lei esta que deu plenos poderes a Hitler, tanto de Führer, como de Chanceler), o partido Nazi já era maioria no Parlamento. Apesar de ter perdido as eleições presidenciais de 1932, Hitler foi nomeado Chanceler em 1933, desfrutando de grande apoio popular.

Esta adesão popular ao projeto fascista de poder, causou uma grande surpresa por parte dos movimentos de esquerda, tanto o partido comunista alemão como a social-democracia, que, presos a conceitos marxistas erroneamente compreendidos e ultrapassados (Reich chamava-o de “marxismo comum”), não conseguiam compreender de que forma um



movimento de caráter reacionário associado a elites político-econômicas poderia cooptar as massas, aumentando seu grau de exploração, sobretudo em um contexto de crise econômica. Sobre isto, Reich (1933/1988, p.30) diz:

Ora, este marxismo comum afirmava que uma crise econômica de 1929-1933 tinha uma tal proporção que conduziria necessariamente a uma orientação ideológica esquerdista das massas por ela atingidas. Enquanto, mesmo depois da derrota de janeiro de 1933, se continuava a falar de um “ímpeto revolucionário” na Alemanha, a realidade mostrava que a crise econômica, em vez de provocar a esperada virada para a esquerda na ideologia das massas, conduzia a uma extrema virada para a direita na ideologia das camadas proletárias da população.

Reich (1933/1988, p.31) indica que houve uma clivagem “entre a situação social das massas trabalhadoras e a sua consciência” acerca desta situação. Este panorama de empobrecimento maciço das condições materiais da massa não provocou uma revolução social tal como os marxistas comuns acreditavam ser possível. O oposto disso: “A crise gerou ideologias contrárias a revolução”, possibilitando o crescimento de ideais de revolta que rapidamente foram capitalizados pelo crescente movimento nacional-socialista no interior das classes populares.

Desta forma, em sua análise dos dispositivos que permitiram a vitória do fascismo no coração das massas, o desprezo pelos movimentos progressistas de uma visão psicológica dos fenômenos sociais foi fundamental no cenário que culminou na ascensão do nacional-socialismo ao poder. Para mitigar o desastre, seria necessário dar ao fator psicológico seu lugar de destaque no estudo dos acontecimentos histórico-sociais que marcam uma geração. Tratava-se de “compreender a própria essência da estrutura psicológica das massas e a sua relação com a base econômica da qual se origina”. (REICH, 1933/1988, p.35), sempre respeitando, evidentemente, o espaço destinado a outras ciências, tais como a Sociologia e a Biologia.

Ao falar especificamente sobre o Fascismo, Reich (1933/1988 p.36) defende a utilização de uma “psicologia política” que “não poderá ser outra coisa que um estudo do ‘fator subjetivo da história’, da estrutura do caráter do homem numa determinada época e da estrutura ideológica da sociedade que ela forma”. Sobre a psicologia política, Reich (1933/1988, p.36) dirá:

O objeto da psicologia política está, portanto, rigorosamente definido. Ela não pode, por exemplo, explicar a origem da sociedade de classes ou o modo de produção capitalista e, se tentar, os resultados serão inevitavelmente absurdos e reacionários, como o seria concluir que o capitalismo é consequência da cobiça humana). Mas só a psicologia política – e não a economia social – está em condições de estudar a estrutura do caráter do homem de determinada época, o seu modo de pensar, de agir, os efeitos que sobre ele exercem as contradições de sua existência, o modo como ele encontra soluções para a sua existência. Ela estuda apenas os homens e as mulheres

individualmente. Quando existe uma especialização no estudo dos processos psíquicos típicos e comuns a uma categoria, classe, grupo profissional etc. excluindo diferenças individuais, então temos *a psicologia de massas*.

Assim, Reich (1933/1988) defende que a Psicologia tomada em sua faceta coletiva pode ajudar a elucidar a clivagem entre as condições econômicas de uma classe e sua ideologia, compreendendo que “a questão fundamental não se refere à consciência da responsabilidade social do trabalhador (isso é evidente), mas sim à descoberta do que inibe o desenvolvimento dessa consciência.” (REICH, 1933/1988, p. 39).

Pouco interessa a Reich tratar o fascismo por termos simplórios como um fenômeno “hipnotizador das massas”, ou chamar o Nazismo como uma “Psicose Hitleriana”. Ele quer entender de que maneira a temática fascista se alojou nas estruturas psíquicas das massas alemãs, pois “milhões de pessoas apoiaram a sua própria opressão, o que representa uma contradição que só pode ser explicada de um ponto de vista de psicologia de massas, e não de um ponto de vista político ou econômico” (REICH, 1933/1988, p.49).

É neste aspecto que ele direcionará seus esforços ao desenvolvimento de uma psicologia que tenha por base os processos psíquicos baseados na economia sexual, ou seja, que tenha por base “o modo de regulação da energia biológica – que quantidade reserva e que quantidade descarrega orgasticamente” (REICH, 1933/1988, p.24), a fim de estudar instituições sociais da sociedade capitalista que possibilitaram a internalização dos ideais nacionalistas e autoritários.

### **3.4 A Classe Média Alemã como base da Ascensão Fascista**

As primeiras décadas do século XX trouxeram uma série de acontecimentos históricos que pautariam o desenvolvimento da sociedade capitalista pelos tempos posteriores. A Primeira Guerra Mundial, a Revolução Bolchevique de 1917, a crise econômica de 1929, entre outros. Mais do que acontecimentos marcantes do século, eles devem ser encarados como fenômenos reflexos das revoluções industriais e do imperialismo europeu do final do século XIX. Além disso, houve toda uma reconfiguração das relações de trabalho e o surgimento de novos grupos econômicos. É o caso da emergência da classe média, dos funcionários públicos e dos trabalhadores industriais especializados, novos grupos sociais que fugiam do dilema Burguesia x Proletariado.

No caso alemão, este processo de imersão tardia no novo capitalismo industrial veio repleto de contradições. A até então constituída República de Weimar (1919-1933), de

caráter social-democrata, nasceu tendo de lidar com os prejuízos recorrentes do reconhecimento da derrocada alemã advinda da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), materializados no Tratado de Versalhes, em que pese os severos efeitos da crise econômica de 1929. A assinatura deste tratado, em especial, será usada como instrumento político contra a república, tornando-se de acordo com Moraes (2017) pretexto para a o surgimento de forças antidemocráticas e um elemento decisivo no processo de “deslegitimação da República e da socialdemocracia, associada ao longo dos 14 anos da república à ideia de traição à nação pela assinatura do *Diktat* e por ter sido responsável pela derrota dos exércitos alemães na Guerra”. Este evento vai gerar por parte de grupos políticos ultraconservadores teorias da conspiração, como o “Mito da punhalada pelas costas”.

Segundo este mito, a Alemanha não havia sido derrotada no campo de batalha e os militares teriam tido todas as condições de levar o país à vitória não fosse pela traição de setores civis da política alemã, nomeadamente a socialdemocracia, a esquerda liberal e os judeus, que não teriam dado ao exército as condições de continuar a luta até a vitória, fazendo uma revolução doméstica contra a nação e o império e abrindo um período de caos político e social (MORAES, 2017).

Como se pode perceber, havia uma intensa crise de representatividade dos partidos políticos tradicionais da república de Weimar. Reich indica que o Nazismo se aproveitou justamente deste fato para disseminar suas ideias na sociedade alemã. Contudo, este processo não poderia ser feito de uma forma desordenada. Era necessária uma certa ambiguidade no discurso político para satisfazer tanto as elites político-econômicas alemãs, como a classe média baixa e o proletariado. Reich (1933/1988, p.53) diz:

O nacional-socialismo foi verdadeiramente anticapitalista e revolucionário enquanto foi obrigado a acentuar o seu caráter de movimento de classe média (antes da subida ao poder e imediatamente depois). Contudo, uma vez que não privou a grande empresa de seus direitos, e teve de conservar e consolidar o poder adquirido, sua função capitalista destacou-se cada vez mais, até finalmente se transformar num defensor acirrado e representante do imperialismo e da ordem econômica capitalista.

Fica claro para ele que o Fascismo é uma nova forma do imperialismo europeu, agora trazendo em suas trincheiras teóricas um suposto discurso de revolta anti-burguesa satisfazendo o proletariado e ao mesmo tempo mostrando sua verdadeira postura anticomunista, pró elites. Entre estes dois grupos havia a classe média alemã, formada em sua maioria por “milhões de funcionários públicos e privados, comerciantes de classe média e de agricultores de classe média e baixa.” (REICH, 1933/1988, p.52).

Este grupo terá importância política fundamental, pois sua captura por parte dos fascistas será a base do apoio popular tanto na Alemanha de Hitler como na Itália de

Mussolini. Exatamente por isso, Reich (1933/1983, p.53) diz que o fascismo é, “do ponto de vista da sua base de massas, um movimento de classe média”. Não à toa, ele dirá:

Aqueles que negam ou não apreciam devidamente a função da base de massas do fascismo surpreendem-se perante o fato de que a classe média, não possuindo os principais meios de produção nem trabalhando deles, não pode ser uma força motriz permanente na história e, por isso, oscila invariavelmente entre o capital e os trabalhadores. Esses mesmos não percebem que a classe média pode ser e é “uma força motriz da história”, se não permanentemente, pelo menos temporariamente como provam o fascismo italiano e o alemão. (REICH, 1988, p.54).

Sabendo que “quanto maior é o peso e a dimensão das camadas da classe média numa nação, tanto maior é a sua importância, como força social de ação decisiva” (REICH, 1933/1988, p.54) e que foi justamente esta classe a base popular que permitiu a construção do amplo movimento de massa fascista, Reich direcionará sua análise dos institutos psicológicos de dominação fascista para a classe média alemã: uma classe econômica empobrecida pelos recentes acontecimentos trágicos do início do século: como já foi dito, a Primeira Guerra Mundial e a Crise econômica de 1929.

É neste ponto que ele retoma Freud e suas conjecturas a respeito do processo de identificação, ao dizer que a classe média alemã se identificou com figuras pertencentes a grupos econômico-sociais localizados no cume da pirâmide social. É o caso dos funcionários públicos extremamente identificados com o poder estatal alemão. Sobre este processo, Rouanet (1987, p.40-41) fala um pouco mais:

Essa ideologia, enfatizando a obediência para cima e para baixo, traduz ao mesmo tempo a posição intermediária da pequena burguesia e gratifica a tendência sadomasoquista do caráter neurótico; permite um alívio contra a tirania do superego, facilitando sua exteriorização na pessoa do Führer, que enquanto superego externalizado se torna imune a qualquer crítica; e fortalece, alucinatoriamente, o ego fraco.

Reich (1933/1988) diz que processo semelhante acontece com funcionários especializados de uma empresa. Eles também se identificam com figuras de um nível acima na escala dos meios materiais: o dono da empresa, no caso. Nesta identificação de empregado com empregador não há espaço para identificações horizontais, isto é, do empregado com outros empregados; a identificação é sempre vertical, assumindo contornos de pura servidão. Isto se deve, segundo Reich, a posição intermediária que o trabalhador especializado de classe média assume. Ele é o elo entre a autoridade e os trabalhadores manuais. “Devendo obediência aos superiores, ele é simultaneamente o representante dessa autoridade diante dos que estão abaixo dele e, como tal, goza de uma posição moral (mas não material) privilegiada” (REICH, 1933/1988, p. 56).

Em certos casos, a identificação assume caráter tão intenso que Reich se utiliza de exemplos da época para ilustrar a natureza de tais ligações. É o caso, por exemplo, de empregados de famílias nobres, como mordomos ou camareiras, que se “transformam completamente num esforço para esconder sua origem inferior assumindo atitudes e a maneira de pensar da classe dominante, aparecendo muitas vezes como caricatura das pessoas a que servem” (REICH, 1933/1988, p.56). Mais adiante, ele falará:

Essa identificação com a autoridade, com a empresa, com o Estado ou com a nação - que se traduz na expressão: “Eu sou o Estado, a autoridade, a empresa, a nação” - revela uma realidade psíquica e constitui um dos melhores exemplos de uma ideologia que se transformou em força material. O empregado ou o funcionário público começa por desejar assemelhar-se ao seu superior, até que, gradualmente, a constante dependência material acaba transformando toda a sua pessoa, de acordo com a classe dominante. Sempre disposto a se adaptar à autoridade, o indivíduo da classe média baixa acaba criando uma clivagem entre sua situação econômica e a sua ideologia (REICH, 1933/ 1988, p.56).

A partir disto, Reich direcionará seu olhar para o núcleo dessa constituição social reacionária das classes médias, comum a esse processo de multidões fascistas: a família autoritária. Até por isso, ele vai dizer: “É precisamente na situação familiar que encontramos a chave para o fundamento emocional da estrutura que descrevemos” (REICH, 1933/ 1988, p.57).

### **3.5 A família autoritária como braço institucional do nacionalismo**

Apesar de rejeitar a “filosofia da civilização” de Freud, Reich (1933/1988, p.44) indica que nela “se encontram mais verdades sobre a vida do que em todas as sociologias e em muitas psicologias marxistas, tomadas em conjunto”. Este trecho mostra em especial o impacto das ideias de Freud na obra reichiana. Até por isto, Reich irá atribuir grande importância ao fator sexual na etiologia autoritária, indicando a repressão sexual na família patriarcal como a sede dos sentimentos de moralidade dos quais o fascismo alemão irá se aproveitar. Diz ele:

Para compreender a relação entre repressão sexual e a exploração humana, é necessário compreender a instituição social básica na qual se entrelaçam a situação econômica e a situação-sexual da sociedade patriarcal autoritária. Não é possível compreender a economia sexual e os processos ideológicos da sociedade patriarcal sem ter em conta essa instituição. A psicanálise de homens e mulheres de todas as idades, países e classes sociais leva às seguintes conclusões: a combinação da estrutura socioeconômica com a estrutura sexual da sociedade e a reprodução estrutural da sociedade verificam-se, nos primeiros quatro ou cinco anos de vida, na família autoritária. A Igreja só continua essa função mais tarde. É por isso que o Estado autoritário tem o maior interesse na família autoritária; ela transformou-se

numa fábrica onde as estruturas e ideologias do Estado são moldadas. (REICH, 1933/1988, p.45, grifos do autor).

Se a família autoritária, como diz Reich (1933/1988), é a fábrica de subjetividades fascistas, pode-se apreender que a repressão sexual é o motor que mantém estas máquinas em funcionamento. É através da repressão sexual no interior da família autoritária que o Fascismo encontra o ambiente propício para o seu crescimento, aproveitando-se de subjetividades fragilizadas e dóceis, facilitando a dominação e normatizando processos de apropriação do desejo.

Reich (1933/1988) retoma a problemática freudiana das relações psíquicas com figuras de autoridade ao dizer que na família patriarcal a figura do Pai é o representante simbólico do papel do Estado. Nas palavras dele:

A posição autoritária do pai reflete o seu papel político e revela a relação da família com o Estado autoritário. A posição que o superior hierárquico assume em relação ao pai, no processo de produção, é por este assumida dentro da família. Ele reproduz nos filhos, especialmente nos de sexo masculino, a sua atitude de submissão para com a autoridade (REICH, 1933/1988 p.61).

Reich (1933/1988) afirma que esta figura paterna assumida na posição do Líder, enquanto representante estatal da restrição sexual, contribuiu para a constituição do Estado Nazista, pois assim como na família patriarcal o pai assume a função inibitória do desejo, criando em sua prole uma relação de submissão e desejo por autoridade, o Nazismo, na figura de seu *Führer*, estabeleceu mecanismos aprimorados de repressão sexual na sociedade alemã via a própria família autoritária, provocando “o desenvolvimento de concepções patológicas e altamente emocionais de honra e dever, coragem e autodomínio.” (REICH, 1933/1988, p. 62).

Estas concepções serão importantíssimas no estabelecimento do Nacional-socialismo, já que o nazismo enquanto movimento político será conhecido pelo seu exacerbado Nacionalismo, isto é, os interesses e as liberdades individuais devem estar sujeitos à vontade do Estado nacional, ao heroísmo e à “honra da nação”. Citando os aspectos básicos da ideologia nacional-socialista, Reich (1933/1988, p.62) diz:

Limitar-nos-emos a mencionar um aspecto típico da ideologia nacional-socialista. É conhecida a escala de valores: honra, pessoal, honra da família, honra da raça, honra nacional. Ela está organizada de acordo com as várias camadas da estrutura individual. Mas esquece-se de incluir a base sócio econômica: capitalismo ou sociedade patriarcal; a instituição do matrimônio compulsivo; repressão sexual; luta pessoal contra a própria sexualidade; compensação por meio do sentimento de honra pessoal, etc. O auge desta escala é constituído pela ideologia da “honra nacional”, que é o cerne irracional do nacionalismo.

No entanto, é na ligação com a mãe que a base dos vínculos familiares se constitui. “As concepções de pátria e de nação são, no seu fundo emocional subjetivo,

concepções de mãe e de família. Nas classes médias, a mãe é a pátria da criança, tal como a família é a ‘nação em miniatura’” (REICH, 1933/1988 p.63). Portanto, a ideologia Nazista associa a figura materna da família autoritária com a concepção de Nação.

Assim, pode-se ver a natureza de tal associação; assim como o sujeito membro de uma família deve respeitar a mãe e defendê-la a qualquer custo, deve fazer também com a nação, mantendo-lhe pura, impedindo o corrompimento da honra de sua pátria. Nas palavras de Reich (1933/1988, p.63):

O sentimento nacionalista é, portanto, o prolongamento direto da ligação familiar e, como esta, tem a sua origem na ligação fixa à figura da mãe. Isso não se pode explicar biologicamente. Pois mesmo esta ligação à mãe passa a ser um produto social, na medida em que se transforma em ligação familiar e nacionalista. Ela cederia lugar, durante a puberdade, a outro tipo de relações – se as limitações sexuais da vida amorosa não contribuíssem para perpetuá-la – nessa perpetuação socialmente motivada que a ligação à mãe constitui a base do sentimento nacionalista do homem adulto, transformando-se, assim, numa força social reacionária.

Sabedor da essencialidade do sistema patriarcal no estabelecimento da repressão sexual ao longo da história, Reich dirá que a família autoritária é uma espécie de coluna vertebral do Nazifascismo, dando sustentação ideológica a formas reacionárias de subjetivação, logo, a proteção a tal instituição “é o princípio básico de toda a política cultural reacionária”. (REICH, 1933/1988, p.65).

### **3.6 A personalidade fascista como mecanismo psicológico da opressão institucionalizada**

Uma das inovações reichianas mais importantes no estabelecimento das Psicologias do fascismo foi o seu estudo sobre a análise do caráter fascista e o seu entendimento de que mais do que um modelo político-ideológico, o fascismo é um tipo de personalidade. Porém, essa concepção de Reich acerca dos fenômenos autoritários da década de 1930 não apareceu ao acaso; longe disso, ela é fruto dos seus estudos dos efeitos da repressão sexual na constituição do caráter humano.

Para Reich (1933/1988) a estrutura do caráter do homem é formada por três níveis. O nível mais superficial é aquele responsável pelo bom funcionamento da coletividade e o respeito às instituições e às leis; o segundo seria uma espécie de inconsciente freudiano, ou seja, nível onde predomina desejos reprimidos, dotados de agressividade e de caráter contraditório. O terceiro nível trata de estruturas essencialmente profundas e biológicas, fruto da constituição natural do homem, voltada para o bom desenvolvimento do aparelho sexual. Com o estabelecimento das civilizações voltadas para o mundo do trabalho, esta

representação biológica perdeu sua representatividade, daí o ativismo reichiano em relação a libertação sexual: fazer o homem voltar ao cerne biológico de sua constituição, tendo no caráter genital a organização básica do seu modelo mental, livrando-se, desta forma, de estruturas aprisionadoras do desejo resultantes do caráter neurótico.

Contudo, Reich sabe que o rumo que a sociedade tomou não foi o da plena satisfação sexual. Através das instituições sexuais como a Igreja, o Estado e a Família autoritária-patriarcal, a civilização se distanciou da sexualidade, atribuindo-lhe estigmatizações que se refletiram na estrutura psíquica dos indivíduos, gerando não só patologias, como também processos de dominação subjetiva materializados no misticismo (adesão irrestrita ao sentimento religioso) e no reacionarismo. O homem médio, com sua subjetividade dócil e frágil, passa a ser, ele mesmo, um reacionário, defendendo os valores conservadores de sua sociedade como se fossem os de sua própria vida, ou seja, ele passa a defender a sua própria exploração.

É neste sentido que Reich, ao saber que tais instituições sociais tornaram-se comuns à vida de todo e qualquer sujeito do tecido social normatizando a exploração e o comportamento autoritário-reacionário, irá dizer que “não existe um único indivíduo que não seja portador, na sua estrutura, de elementos do pensamento e sentimentos fascistas” (REICH, 1933/1988, p.12). Ou seja, o fascismo é um modo de personalidade de que pelo menos em alguma medida está presente em todo indivíduo pertencente à sociedade capitalista-liberal; ele é a “expressão da estrutura irracional do homem da massa” (REICH, 1933/1988, p.17). Ele acrescenta: “[...] O “hitlerismo” não é exclusivo do partido nazi ou da Alemanha; ele penetra nas organizações de trabalhadores e nos círculos liberais e democráticos. O fascismo não é um partido político, mas uma certa concepção de vida e uma atitude perante o homem, o amor e o trabalho”.

Por tudo o que já foi dito, pode-se compreender que para Reich, o fascismo não é um movimento restrito apenas à década de 1930; é um movimento peculiar a uma determinada configuração de sociedade produtora de personalidades reativas e reacionárias, resultante do conservadorismo no seio da família autoritária, possuindo como fundamento primordial a repressão sexual institucionalizada.



#### **4 GEORGES BATAILLE: o heterogêneo como veneno e antídoto do tecido social**

Uma rápida olhada nos manuais de história mostrará que os impactos dos fenômenos fascistas não ficarão restritos a seus países de berço: Alemanha e Itália; pelo contrário, na Segunda Guerra mundial (1939-1945), a França foi invadida pelos nazistas (1940-1944), ocasionando para alguns historiadores o início da fase mais belicosa do confronto global.

A França é o país de origem de Georges Bataille (1897-1962). Escritor e filósofo da primeira metade do século XX. Bataille é um outro caso de pensador influenciado pelas ideias Freudo-Marxistas. Mas ao contrário de Reich, que focará sua análise do fascismo através da crítica à repressão sexual e ao misticismo religioso, Bataille confrontará a ideologia nacional-socialista utilizando-se de seus mesmos signos: o sagrado, o mito e o sacrifício, mas compreendendo-os de uma maneira diversa da qual o fascismo o fez. Este, talvez, seja o seu maior mérito: combater o fascismo valendo-se de seus próprios símbolos. Como disse certa vez Maurice Nadeau (2013 apud GOYATÁ, 2014, p.7) sobre o movimento *Collège de Sociologie* (movimento intelectual idealizado pelo próprio Bataille) e sua crítica ao fascismo: “lutar contra aquilo que lhes parecia uma regressão na ordem do pensamento empregando – ouso dizer – os mesmos meios”

##### **4.1 A ambivalência francesa: entre a resistência e o colaboracionismo com os nazistas**

Em junho de 1940, as tropas alemãs desembarcaram em Paris; a facilidade com a qual os Nazistas tomaram a capital do território francês sem encontrar nenhuma resistência, deixou parte da população francesa, como diz o escritor Allan Riding (2010, p.16) “em estado de choque”. Com efeito, a França vivia uma instabilidade política muito grande em sua terceira república (1870-1940) advinda dos traumas da Primeira Guerra Mundial, onde apesar de vitoriosa, saiu com graves perdas econômicas e sociais, intensificadas ainda mais pela crise de 1929. O mais recente golpe na autoestima do povo francês foi impetrado pelos próprios nazistas que depois de tomarem a cidade das luzes, dominaram a região norte, retomando os territórios da Alsácia-Lorena que a França havia conquistado na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) dos mesmos alemães. “A França nunca fora tão humilhada, nem nas guerras de 1870 e de 1914.” (RIDING, 2010, p.16).

Este panorama facilitou, no cenário francês, a disseminação de ideologias extremistas, então em voga no solo europeu pela ascensão do Nazifascismo. Adicione-se a

isso o antissemitismo de certos setores da sociedade francesa, já evidenciados desde o caso Dreyfus (1894-1906). A esta altura, a administração do governo francês, sob ocupação, se transferiu para a cidade de Vichy, estabelecendo um estado nazista fantoche de matriz alemã na figura do militar Philippe Pétain (1856-1951) que instaurou um regime fascista perseguidor de inimigos políticos com a anuência de Hitler.

No entanto, apesar de todo este cenário desfavorável para o usufruto de direitos sociais e individuais na França da década de 40, na cidade de Paris, pouca coisa mudou. Paris era a capital cultural do mundo, grande centro intelectual onde diversos artistas e pensadores das mais diferentes áreas do conhecimento e da arte encontravam-se para discussões e colaborações intelectuais. Era de se esperar que após a invasão alemã, o cerco hitlerista fizesse com que a liberdade artística fosse suprimida; Riding (2010, p.16), em um relato histórico acerca da Paris ocupada, mostra que não foi bem assim que as coisas aconteceram, pois “mesmo na melancolia profunda do período entre as guerras, enquanto a liberdade artística e intelectual era aniquilada por toda a Europa, Paris continuou a brilhar como um farol cultural”.

Este trecho mostra que ao contrário do que se supunha, Paris não parou, muito por conta da atitude passiva que grande parte da elite artística e intelectual francesa assumiu perante as atrocidades cometidas pelo Nazismo. Se nomes consagrados da época se calaram para os horrores da guerra, casos da cantora Edith Piaf (1915-1963), da estilista Coco Chanel (1883-1971) – que na época da ocupação engatou um romance com um oficial do exército alemão – e do escritor Jean Paulhan (1884-1968); outros nomes excederam a linha da discrição, colaborando ativamente com o ódio antissemita e as posturas fascistas, é o caso dos escritores Louis-Ferdinand Céline (1894-1961) e Pierre Drieu de la Rochelle (1893-1945).

Por outro lado, um outro grupo de intelectuais franceses optou pela resistência política. Seja através de seus escritos, seja através das armas, eles escolheram um caminho de enfrentamento e contestação à ocupação alemã. Foi o caso dos escritores existencialistas Jean Paul Sartre (1905-1980), Albert Camus (1913-1960), do filósofo Georges Politzer (1903-1942) e do escritor e dramaturgo André Malraux (1901-1976).

Bataille também fará parte da resistência francesa ao fascismo. Suas ações de enfrentamento ao autoritarismo remontam a bem antes dos acontecimentos que sucederam na segunda guerra. Na década de 30, ele já orbitava os círculos surrealistas liderados pelo poeta André Breton (1896-1966), outro notório crítico do regime fascista, rompendo com este posteriormente. Após se distanciar dos surrealistas, ele envereda na criação de revistas literárias e movimentos artísticos próprios que utilizar-se-ão da literatura como instrumento de

transgressão e atuação política. Dentre eles podemos citar: *Documents*, *Contre-Attaque*, *Acéphale* e *Collège de Sociologie*, este último com seu amigo de longa data Michel Leiris (1901-1990).

É neste contexto histórico que ele irá lançar em 1933, o texto *A estrutura psicológica do fascismo*, onde analisará o ideário dos movimentos de extrema-direita seis anos antes do início da segunda guerra. Sobre os horrores da guerra, ele ainda escreveu outros textos tais como *L'Expérience intérieure* (1943), *Le Coupable* (1944), *Sur Nietzsche* (1945) e *La Part maudite* (1949). Sobre a filosofia de Bataille e a sua importância perante o pensamento filosófico, Foucault (1970, p.5) dirá: “a ele devemos em grande parte o momento onde estamos; mas tudo o que falta fazer, pensar e dizer, isso também lhe devemos e ainda o faremos durante um longo tempo”

#### 4.2 A estrutura psicológica do fascismo: o heterogêneo como veneno

Bataille (1989) começa sua análise do fascismo fazendo uma crítica ao capitalismo enquanto sistema econômico-social. Assim como Reich, o escritor francês entende a ideologia fascista como um produto de uma determinada configuração de sociedade que diz respeito ao modo como o capitalismo é organizado no tecido coletivo. Não à toa, ele abre seu texto falando sobre a Homogeneidade. Diz ele:

Homogeneidade significa aqui a comensurabilidade dos elementos e a consciência desta comensurabilidade (os discursos humanos podem ser mantidos por uma redução das regras fixas baseadas na consciência de identidade de pessoas e situações definidas; inicialmente, toda violência é excluída do curso da existência assim implicado.) (BATAILLE, 1933/1989, p.137, tradução nossa).

A base desta homogeneidade é a própria produção e a sua noção de comensurabilidade, ou seja, a capacidade de atribuir um valor às coisas. É trabalhando com estas estruturas que o capitalismo vai basear a produção a partir de sua utilidade; tudo aquilo que é útil faz parte do processo de produção capitalista, logo, ocupa lugar na homogeneidade. A sociedade capitalista é, portanto, uma sociedade homogênea que atribui um valor às coisas, e este valor é referente a uma unidade de medida ou a um padrão, baseado em se algo é útil ou não.

Este padrão, segundo Bataille (1933/1989, p.137) se materializou na figura do dinheiro, isto é, “um equivalente contável dos diferentes produtos da atividade coletiva. O dinheiro serve para mensurar todo o trabalho e faz do homem uma função dos produtos mensuráveis.” (tradução nossa). O ser humano, portanto, vale aquilo o que ele produz, não

sendo mais que uma função das estruturas de medida pertencentes ao domínio da produtividade coletiva.

Neste sentido, Bataille (1933/1989) não parece entender o trabalho como uma atividade constituidora de identidades sociais e definidora da natureza humana. Ele o compreende não como algo libertador, mas como uma atividade servil, domesticadora, que retira dos sujeitos suas características peculiares para os assujeitar ao domínio da produção.

Assim, o trabalho seria mais uma operação material constituinte de uma homogeneidade de signos sociais; como ele diz: “a homogeneidade social depende da homogeneidade (no sentido geral do termo) do sistema produtivo” (BATAILLE, 1933/1989 p.139, tradução nossa). O escritor francês chega a dizer que esta homogeneidade teria no Estado a instituição mantenedora de sua reprodução mediante a estrutura psicológica dos indivíduos. A alienação decorrente deste processo, é produto e ao mesmo tempo etapa fundante da homogeneidade. A função estatal consistiria assim “em um duplo jogo de autoridade e adaptação”: adaptação por conciliar diversos interesses políticos difusos das classes dirigentes e autoritário por assumir um caráter opressor “contra forças inassimiláveis. O estado utiliza-se de sua autoridade estrita” (BATAILLE, 1933/1989, p.139, tradução nossa).

Estas “forças inassimiláveis” da qual Bataille fala, dizem respeito, em parte, a estruturas que se encontram fora deste registro homogêneo de sociedade, que não podem ser medidas, nem comensuradas, portanto, não podem ser objeto de apreensão pela ciência moderna. Ele as classifica como forças “Heterogêneas”; formações simbólicas que constituem sua existência determinada pelo seu valor em si, e não por um valor referente a uma unidade de medida material. Safatle (2019, p.54) indica que a problemática das sociedades homogêneas é “saber como lidar com a exclusão do que é heterogêneo, que Bataille aproxima daquilo que é inconsciente, ou seja, sem forma própria de apreensão pela consciência”. Isso fica mais claro, quando Bataille (1933/1989, p.141) diz que:

A exclusão dos elementos heterogêneos do domínio da homogeneidade da consciência, lembra uma forma pela qual tais elementos são descritos (no caso, pela psicanálise) como formações inconscientes. [...] As dificuldades que se opõem à revelação das formas inconscientes da existência, são da mesma ordem daquelas que se opõem ao conhecimento das formas heterogêneas (tradução nossa).

É neste ponto que ele introduz o conceito do “sagrado” como uma forma latente do heterogêneo no domínio social “como aquilo dotado de uma força desconhecida e perigosa e, por isto, submetido a uma proibição social de contato que o separa do mundo homogêneo ou profano” (SAFATLE, 2019, p.56). Mais do que isso, para Bataille o sagrado será aquilo

que estará fora do registro da homogeneidade pelo seu caráter ideal em relação a esta realidade ou por ser objeto de extrema repulsa, movimentando o desejo no terreno dos afetos.

É importante dizer que há em Bataille uma dualidade característica do mundo heterogêneo, “preso entre a glória e a decadência, entre o puro e o impuro (como a própria palavra *sacer* indica). Tais objetos heterogêneos podem, por isto, produzir tanto atração quanto repulsão e se apresentam a nós através da força violenta do choque” (SAFATLE, 2019, p.56).

Esta dualidade fundamental da heterogeneidade advém da própria noção de “dispêndio” na filosofia Batailliana como tudo aquilo que não encontrando uma utilidade na sociedade homogênea, é alçado ou a uma posição transcendente e idealizada, ou a uma posição marginalizada e estigmatizada. Sobre o heterogêneo, ele fala:

São os produtos de excreção do corpo humano e certos materiais análogos ao lixo, o estrume, as partes do corpo humano, pessoas, palavras ou atos que detém um valor erótico sugestivo. Os diversos processos inconscientes tais quais os sonhos e as neuroses; os numerosos elementos ou formas sociais que a parte homogênea não consegue assimilar: as loucuras, as guerras, aristocratas e miseráveis, os diferentes tipos de indivíduos violentos, ou que no mínimo, recusam a regra (loucos, líderes, poetas, etc.) (BATAILLE, 1933/1989 p.142, tradução nossa).

Para Bataille (2013), além dos dispositivos de acumulação do capital, característicos da sociedade capitalista, os processos históricos de produção da coletividade foram constituídos por mecanismos de perda e de dispêndio de energia produtiva e de bens materiais: as guerras, os rituais, os grandes monumentos, as festas, o luxo e o sacrifício. Neste sentido, o autor utiliza como exemplo paradigmático o *Potlatch*: cerimônia de povos indígenas primitivos das américas que consiste em um oferecimento solene de riquezas ofertadas pelo chefe da tribo a seu rival, com o objetivo de desafiá-lo e humilhá-lo. “O donatário deve apagar a humilhação e rebater o desafio, é preciso que ele satisfaça à obrigação contraída ao aceitar. Só poderá responder, um pouco mais tarde, com um novo *potlatch*, mais generoso do que o primeiro – ele deve retribuir com usura”. (BATAILLE, 2013, p. 40).

Em *A parte maldita*, o filósofo francês indica que a oferta de bens materiais não é a única forma de *potlatch*: “um rival é desafiado por uma destruição solene de riquezas. A destruição é, em princípio, oferecida a antepassados míticos do donatário: ela difere um pouco do sacrifício.” (BATAILLE, 2013, p. 40).

Por operarem fora da lógica capitalista de ganho, enfatizando a destruição e a perda que lhe são inerentes, é que Bataille dirá que as estruturas simbólicas heterogêneas possuem um fim em si mesmas, não atrelando a si concepções de utilidade, tão comuns do

sistema capitalista homogêneo. Em um texto chamado *A noção de dispêndio* (2013), tem-se uma percepção ainda maior do conceito:

A atividade humana não é inteiramente redutível a processos de reprodução e de conservação, e o consumo deve ser dividido em duas partes distintas. A primeira, redutível, é representada pelo uso do mínimo necessário, para os indivíduos de uma dada sociedade, à conservação da vida e ao prosseguimento da atividade produtiva: trata-se, portanto, simplesmente da condição fundamental desta última. A segunda parte é representada pelos dispêndios ditos improdutivos: o luxo, os enterros, as guerras, os cultos, as construções de monumentos santuários, os jogos, os espetáculos, as artes, a atividade sexual perversa (isto é, desviada da finalidade genital) representam atividades que, pelo menos nas condições primitivas, têm em si mesmas seu fim. (BATAILLE, 2013, p.10).

Por meio deste caráter mobilizador de afetos, capaz de alternar seus registros entre o caos e a calma, entre a apatia e a intensidade dos excessos, atribuindo a suas estruturas polos de puro devir, é que Bataille fala que os regimes fascistas da década de 1930 pertencerão às forças heterogêneas, destacando o fascismo como um movimento político mobilizador de subjetividades no espectro político. Mais do que isso: líderes como Hitler ou Mussolini foram capazes de personalizar em suas respectivas figuras o fracasso dos regimes democrático-capitalistas-liberais, colocando-se, ao menos inicialmente, como fora da ordem homogênea política tradicional.

Por reconhecer no Fascismo um instrumento poderoso de mobilização no registro da heterogeneidade, capaz de mudar a circulação dos afetos no campo político, o pensamento batalliano despertará restrições e a desconfiança de alguns dos seus contemporâneos mais ilustres, como foi o caso do filósofo Walter Benjamin (1892-1940), que apesar de ser um frequentador assíduo das reuniões do *Collège* e ter estabelecido contato com Bataille, “já apontava naquele momento críticas com relação a suas propostas, chamando-lhes a atenção para um certo ‘excesso metafísico’ e ‘político do incomunicável’ que poderia ‘preparar o terreno psíquico favorável ao nazismo’” (GOYATÁ, 2014, p. 71).

Agamben (1986) também enfatiza tais polêmicas acerca das teorias do filósofo francês, ao relembrar um diálogo que teve com Pierre Klossowski (1905-2001), eminente romancista, também membro do *Collège*. Segundo Agamben (1986, p.91) “Naquele instante, entre as imagens que ele tinha ainda bem vivas na memória, havia também aquela do Benjamin com as mãos levantadas em um gesto de advertência [...] repetia: ‘*Vous travaillez pour le fascisme*’”

Evidentemente, não se pode ver a filosofia batalliana como uma filosofia identificada com os ideais fascistas. Se há em Bataille um reconhecimento do poder de capitalização de subjetividades por parte do fascismo, é para dizer que toda esta capitalização

foi escoada para relações assimétricas de assujeitamento e dominação constituídos na relação liderança-liderados, instaurando, por assim dizer, uma outra forma de domínio baseada no autoritarismo e na exploração.

O já citado Reich (1933/1988, p.78) dirá que o fascismo se caracteriza por uma certa “obsessão por ideais éticos abstratos”. Ou seja, o repertório simbólico das estruturas de subjetividades fascistas atrela-se a ideais elevados de honra, nação, alma e disciplina para a construção de identificações no tecido social.

No caso alemão, pôde-se ver no capítulo anterior que os ideais de honra e nação foram importantíssimos na constituição de uma identidade nacional. Para os italianos, por sua vez, uma noção fundamental acerca do ideário fascista e sua própria construção foi o significativo da “disciplina”. A historiadora Andrea Giardina (2008, p.56) indica:

No início do fascismo, o conceito que mais frequentemente era ligado à ideia de Roma exprimia-se com a bela palavra latina disciplina. Essa virtude era representada principalmente por meio do rito da marcha fascista, destinado a infundir nos participantes um sentido de união, de solidariedade e de força, e nos espectadores a sugestão de um modelo confortante, feito de ordem e compostura. [...] A virtude da disciplina – única cura eficaz para um país como a Itália, que Mussolini definia “anarquizante nas tendências e nos espíritos” –, típica das camisas negras, deveria se propagar em todo o povo italiano, restabelecendo a ordem interna e pondo-se, ao mesmo tempo, como fator de poder externo. Nesse sentido, a disciplina romana e fascista era inseparável da exaltação mística da ideia de nação

Bataille (1933/1989) tocará neste tema ao dizer que o fascismo se utilizou de sentimentos tradicionalmente identificados como “superiores”, “nobres” e “elevados”, situados além de toda e qualquer avaliação utilitária, ou seja, no domínio superior do heterogêneo, para justamente subjugar tudo aquilo identificado com o polo inferior deste mesmo registro, usando, para isso, as instituições do mundo homogêneo como o Estado e o Exército. Neste sentido, ele diz:

De uma maneira diferente, podem igualmente estar descritos como heterogêneos, as camadas sociais mais baixas, que provocam, geralmente, a repulsão e não podem em nenhum caso estar assimiladas pelo conjunto dos homens. Estas classes miseráveis são vistas como intocáveis, quer dizer, que elas são caracterizadas por uma proibição de contato análoga ao que ocorre em relação as coisas sagradas (BATAILLE, 1989, p. 144, tradução nossa)

Desta forma, o fascismo como movimento identificado com valores transcendentais da heterogeneidade, utiliza-se do próprio modelo homogêneo para destruir tudo o que há de subalterno e subversivo do registro heterogêneo. Como Safatle (2019, p.58) diz: “Assim, o fascismo se transforma no uso do heterogêneo como astúcia última da sociedade homogênea”.

Tal fato, pode-se notar de uma maneira mais evidente ao se tomar como exemplo as populações alvo do ódio nazista materializado nos campos de concentração: judeus, ciganos, negros, homossexuais, deficientes físicos e mentais, comunistas, entre outros, populações que ao longo da história, em certos momentos mais, outros menos, foram marcados com os signos da perseguição e da marginalização em seus séculos de existência.

O próprio antissemitismo moderno, caso mais emblemático do ódio totalitário, não foi inventado pelos nazistas, existindo como postura ideológica perante o povo judeu desde o século XIX. Aqui cabe uma pequena citação da célebre filósofa alemã de origem judaica Hannah Arendt (1906-1975). Em *As origens do Totalitarismo* (1951), Arendt (1951/1989, p.55) mostra que “os primórdios do movimento antissemita moderno datam, em toda parte, do último terço do século XIX”, portanto, décadas antes da ascensão do nacional-socialismo ao poder.

Desta forma, em uma perspectiva batailliana, o fascismo vai além de um mero regime autoritário: ele se constitui em uma forma de exercer a heterogeneidade através do homogêneo para aniquilar grupos que já traziam em seu repertório histórico a marca da perseguição, conservando, assim, a base das estruturas homogêneas de exclusão e assujeitamento. Mas afinal, segundo Bataille, de que maneira o fascismo implementa tamanho processo? Através da noção de soberania.

### **4.3 A soberania da dominação fascista**

É neste momento que o filósofo francês introduz o conceito de soberania em sua obra. É por meio da soberania que o fundamento da dominação do líder fascista é legitimado perante a massa. Por soberania, ele entende a superioridade que “designa o conjunto de aspectos marcados pelos determinantes afetivos de atração ou repulsa – próprio às diferentes situações humanas nas quais é possível dominar e mesmo oprimir seus semelhantes” (BATAILLE, 1933/1989, p. 145, tradução nossa).

Detendo-se de maneira mais detalhada na análise da obra batailliana, ver-se-á que em outros textos tais como *Teoria da Religião* (1973/1993), Bataille (1973/1993, p.47) diz que a soberania “designa o movimento de violência livre e interiormente dilacerante que anima a totalidade, resolve-se em lágrimas, em êxtase e em acessos de riso e revela o impossível no riso, no êxtase ou nas lágrimas.” Esta definição, em especial, pode causar estranhamento, principalmente se levar-se em conta o conceito clássico de soberania na modernidade tal qual lembra o filósofo contemporâneo camaronês Achille Mbembe (2016, p.



124) como “a produção de normas gerais por um corpo (povo) composto por homens e mulheres livres e iguais”.

Contudo, não nos esqueçamos: Bataille é um dos pensadores mais críticos acerca da modernidade. Em última análise, o domínio da soberania para ele é “a vida além da utilidade” (MBEMBE, 2016, p. 126). Ou seja, a vida fora do registro homogeneizante dos corpos submetidos às noções de utilidade. Neste sentido, a morte é encarada como ponto em que a “destruição, supressão e sacrifício constituem uma despesa tão irreversível e radical – e sem reservas –, que já não podem ser determinados como negatividade. A morte é o próprio princípio do excesso – uma ‘antieconomia’”. (MBEMBE, 2016, p.126). Sobre as concepções do pensador francês, Mbembe (2016, p.127) dirá:

Para Bataille, a soberania tem muitas configurações. Mas, em última análise, é a recusa em aceitar os limites a que o medo da morte teria submetido o sujeito. [...]Uma vez que o domínio natural de proibições inclui a morte, entre outras (por exemplo, sexualidade, sujeira, excrementos), a soberania exige que “a força para violar a proibição de matar, embora verdadeira, estará sob condições que o costume define”. E, ao contrário da subordinação, sempre enraizada na alegada necessidade de evitar a morte, a soberania definitivamente demanda o risco de morte.

Se a soberania “demanda o risco da morte”, consistindo em uma recusa ao engessamento dos afetos tão peculiar do homogêneo, é de se supor que ela seja um movimento afirmador do desejo na constituição humana. No entanto, o fascismo se apropria desta noção não para uma transgressão das normas morais que barram o desejo, mas para o próprio reforçamento destas, pois como já foi dito, o fascismo é uma forma de subjetividade da heterogeneidade que trabalha a favor do homogêneo para a opressão das próprias formas de vida do heterogêneo. O resultado de tal configuração é um sistema ditatorial onde o soberano não é um indivíduo do tecido social, mas, sim o governo totalitário, personalizado na figura do líder.

Agamben (1986), outro pensador contemporâneo influenciado pelas ideias bataillianas, em um texto chamado *Bataille e o paradoxo da soberania*, discute acerca da concepção de soberania em Georges Bataille. De acordo com Agamben (1986, p.92):

Qual é, na realidade, o paradoxo da soberania? Se o soberano é, segundo a definição de Carl Schmitt, aquele que tem o poder legítimo de proclamar o estado de exceção e de suspender, de tal modo, a validade do ordenamento jurídico, o paradoxo do soberano se pode então enunciar desta forma: “o soberano está, ao mesmo tempo, fora e dentro do ordenamento”. A precisão “ao mesmo tempo” não é supérflua: “o soberano, na verdade, tendo o poder legítimo de suspender a validade da lei, coloca-se legitimamente fora dela. Por isso, o paradoxo da soberania se pode também formular deste modo; “a lei está fora de si mesma, está fora da lei; ou: eu, o soberano, que estou fora-da-lei, declaro que não há fora-da-lei”

Estando fora e ao mesmo dentro do registro da lei, o soberano pode aplicá-la ou suspendê-la assim que lhe convém, “porque é dele que emana o poder. Estando fora, ele é uma potência heterogênea que dirige a violência contra todo exterior ou contra as formas de heterogeneidade vinculadas às formas miseráveis” (SAFATLE, 2019, p. 57).

Bataille (1933/1989) chega a comparar a soberania do ditador fascista à soberania do rei aos seus súditos, ou ao do chefe militar em relação aos soldados e a armada, tal como Freud o fez. Porém, ao contrário do pai da psicanálise, o filósofo francês dá um caráter eminentemente político a este tipo de dominação; de forma explícita, ele diz:

Oposta à existência miserável dos oprimidos, a soberania política aparece em primeiro lugar como uma atividade sádica claramente diferenciada. Na psicologia individual, é raro que a tendência sádica não seja associada em uma mesma pessoa a uma tendência masoquista mais ou menos aberta. Mas na sociedade, cada tendência é representada por uma instância distinta e a atitude sádica pode ser manifestada por uma pessoa imperativa, excluindo assim todas as outras atitudes masoquistas correspondentes. (BATAILLE, 1933/1989, p.146, tradução nossa).

Assim, o fascismo se torna uma nova forma de materialização do poder soberano que traz em seus pressupostos ideológicos uma reativação da soberania do Estado tal qual um poder real, com a diferença de que “as milícias que substituem o exército na constituição do poder detém imediatamente este poder como objeto” (BATAILLE, 1933/1989, p. 149).

#### **4.4 O heterogêneo como antídoto: o erotismo como forma de transgressão para uma psicologia erótica**

Se o fascismo se constitui em uma força heterogênea radical, somente uma outra forma de heterogeneidade para lhe fazer frente: o erotismo. Como diria Bataille (1957/1987, p.10), ele é “a aprovação da vida até na morte”. Esta afirmação em particular, demonstra bem o caráter afirmador do componente erótico na constituição do desejo e o quão primordial ele é na movimentação dos afetos dentro do jogo político.

Esse é o grande mérito de Bataille aludido no início do capítulo: resistir ao heterogêneo com o próprio heterogêneo. Combater a transcendência dos ideais acéticos fascistas com a imanência radical das paixões. Sobre este trecho em especial da obra batailliana Safatle (2019, p.60) dirá que:

[..] Contra o fascismo, só mesmo outra forma de heterogeneidade está mais radicalmente ligada ao que vem de baixo, ao que expressa este ponto no qual forma alguma se estabiliza, mas no qual toda forma ainda é possível. Esta heterogeneidade é aquilo que não se disciplina, aquilo que quebra toda hierarquia pois expressa a consciência da dependência entre o alto e baixo. Ela teria, segundo Bataille, um poder subversivo, por exigir que: “o que é alto se transforme em baixo, o que é

baixo se transforme em alto”. Por isto, o fascismo procura destruí-la e retirá-la do contato dos homens. Para Bataille, de uma forma bastante peculiar, a melhor arma contra o fascismo é o erotismo. Pois a luta não é entre regimes políticos, mas entre formas de vida, e não haverá superação do fascismo se não lhe compreendermos como uma forma de vida que só pode ser barrada através de outra forma de circulação do desejo. No fundo, a questão política realmente relevante será sempre: como o desejo circula.

Se o fascismo é um movimento mobilizador do desejo, o erotismo também o é. Ele é o antídoto, de acordo com o filósofo francês, para a patogenia totalitária implementada pelo fascismo. Sobre o conceito de erotismo em Bataille (1957/1987, p.20), temos em *O erotismo*, uma definição mais substancial:

O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Nisso nos enganamos porque ele procura constantemente fora um objeto de desejo. Mas este objeto responde à interioridade do desejo. A escolha de um objeto depende sempre dos gostos pessoais do indivíduo. [...] Em resumo, mesmo estando de acordo com a maioria, a escolha humana difere da do animal: ela apela para essa mobilidade interior, infinitamente complexa, que é típica do homem. O animal tem ele próprio uma vida subjetiva, mas essa vida, parece, lhe é dada, como acontece com os objetos sem vida, de uma vez por todas. O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão. O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão.

O Erotismo é o que nos diferencia dos animais e nos caracteriza enquanto humanos, pois é na prática erótica que a atividade sexual está desvinculada do ato reprodutor biológico. O erotismo seria a independência humana do domínio científico-homogêneo; é a força motriz do desejo humano direcionado para o ilimitado, para os excessos da vida e da morte, que “existe na natureza e subsiste no homem um movimento que sempre excede os limites, e nunca pode ser reduzido senão parcialmente” (BATAILLE, 1957/1987, p.46).

É por esta razão que Bataille (1957/1987, p.13) dirá que o “domínio do erotismo é o domínio da violência, o domínio da violação”, ou seja, o ato erótico, em si, comporta uma feitura revolucionária, em termos bataillianos, um ato transgressor. A transgressão, aliás, ocupa lugar de destaque na filosofia batailliana; ela pode ser entendida como o aspecto primordial do erotismo na medida em que este é o combustível que a torna possível. Até por isso, Bataille (1957/1987, p.24) indica que o conhecimento acerca do erotismo pressupõe “uma experiência pessoal, igual e contraditória, do interdito e da transgressão”.

Para o filósofo francês a subjetividade é marcada pela experiência interior de cada indivíduo com a interdição do desejo. Ele reconhece que a transgressão para existir depende do estabelecimento do interdito e vice-versa. A transgressão só habita o domínio do desejo por existir um interdito e o interdito só está no tecido social para ser transgredido. De forma resumida, ele diz:

Se observarmos o interdito, se a ele nos submetemos, não temos mais consciência dele. Mas sentimos no momento da transgressão a angústia sem a qual o interdito não existiria: é a experiência do pecado. A experiência leva à transgressão realizada, à transgressão bem sucedida que, sustentando o interdito, sustenta-o para dele tirar prazer. (BATAILLE, 1957/1987, p.25).

Contudo, isso não quer dizer que o aspecto transgressor em Bataille perca o seu caráter revolucionário e subversivo, visto que a transgressão é o direcionamento afetivo que visa a superação dos limites do interdito por meio dos excessos das paixões, isto é, concepções de vida que valorizem “a parte maldita da história humana”: o luxo, a perda, o desperdício, a morte e a violação do tabu. Em outras palavras: o heterogêneo é transgressão pura, verdadeira possibilidade de revolução social que inverte os polos do devir: o que é baixo torna-se alto e o que é alto, torna-se baixo. Revolução esta que tem no erotismo o seu alimento primordial.

Isto se torna mais evidente ao notar-se a afirmação batailliana em *A estrutura psicológica do fascismo* quando é dito que o heterogêneo “não compreende somente as formas imperativas e as formas miseráveis, mas também, as formas subversivas” (BATAILLE, 1933/1989, p. 157, tradução nossa). Ele indica que “estas formas subversivas não são senão formas inferiores transformadas para lutar contra as formas soberanas” (BATAILLE, 1933/1989, p. 157, tradução nossa). Bataille demonstra assim, uma filosofia calcada na prática revolucionária, fruto de sua influência marxista, baseada na transgressão dos excessos e na subversão política. Acerca da noção de política em Bataille, Mbembe (2016, p.127) dirá:

Bataille reabre a questão dos limites da política. Política, nesse caso, não é o avanço de um movimento dialético da razão. A política só pode ser traçada como uma transgressão em espiral, como aquela diferença que desorienta a própria ideia do limite. Mais especificamente, a política é a diferença colocada em jogo pela violação de um tabu.

Desta forma, a experiência erótica para Bataille é o heterogêneo em plenitude, pois se encontra totalmente fora das estruturas de produção e das relações de utilidade da homogeneidade capitalista da qual o fascismo se apropria. Só neste movimento de transgressão e ruptura com a ordem vigente é que é possível subverter o campo político dos afetos, invertendo a lógica produtiva.

É neste sentido que o pensador francês propõe uma análise do fascismo através de suas estruturas psicológicas, pois o fascismo se configura como uma forma de vida, e toda forma de vida coloca, a seu modo, processos de circulação do desejo de tal maneira que somente a psicologia pode vir a elucidar. Mas, não qualquer psicologia, e, sim, uma psicologia erótica, isto é, uma análise psicológica que tenha por base o compromisso ético

com a constituição do desejo humano, pois para Bataille (1957/1987, p.25) a psicologia sem o erotismo “não é, na realidade, senão um saco vazio” .

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo o que já foi visto até aqui, torna-se fácil observar que o fascismo não pode ser reduzido a um fenômeno político-histórico ocorrido na década de 1930 do século XX. Tomando por base um ponto de vista psicológico (viés teórico pelo qual este trabalho procurou-se pautar), o fascismo é uma forma de estruturação da subjetividade pertencente a uma determinada configuração de circulação do desejo no tecido social. Enquanto em Freud percebe-se que a estruturação da subjetividade fascista remete à problemática das relações dos indivíduos com figuras de autoridade, que por sua vez, tem no núcleo familiar, seu componente originário, em Reich e Bataille, vê-se que esta configuração do desejo está submetida aos modelos de produção capitalista-homogeneizantes.

Seja como for, é flagrantemente perceptível que há no fascismo algo que fascina a subjetividade humana e que, portanto, encontra-se presente em modos particulares de se compreender o mundo. Não à toa, no prefácio de *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (1972) de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) (obra seminal nos estudos das psicologias do fascismo no pós-guerra), Foucault fala sobre este “fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas” (FOUCAULT, 1977, p. XII.). Mais do que isso, neste brilhante texto, Foucault chama a atenção para um mecanismo de estruturação da subjetividade que está intrinsecamente relacionado com a temática fascista: o poder. Ele indica que o fascismo “nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora” (FOUCAULT, 1977, p. XII).

A filósofa estadunidense Judith Butler em seu livro *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição* (2017, p.8), segue o percurso teórico iniciado por Foucault ao dizer que o poder “não é apenas aquilo a que nos opomos, mas também, e de modo bem marcado, aquilo de que dependemos para existir”. Ou seja, há na subjetividade humana uma relação intrínseca com o poder, pois ao mesmo tempo em que este exerce mecanismos de sujeição perante a constituição do homem, é a relação simbólica basilar da noção de “self-conscience”; assim, “o sujeito é iniciado através de uma submissão primária ao poder” (BUTLER, 2017, p.8).

A autora indica que ele é um uma espécie de esquema do desejo no qual a relação que se estabelece com o indivíduo tem na melancolia seu componente substancial. Em suma: o poder melancoliza. Sobre isto, Safatle (2019, p.29) indica que é no aspecto melancolizador do poder que consiste “sua verdadeira violência, muito mais do que os mecanismos clássicos de coerção e dominação pela força, pois se trata aqui de violência de uma regulação social que leva o Eu a acusar a si mesmo em sua própria vulnerabilidade”.

Se voltarmos as atenções para Freud, veremos que em *Luto e Melancolia* (1917/2010), o pai da psicanálise reconhece que a estrutura melancólica é resultado de uma perda objetal que traz em seus pressupostos psíquicos “um extraordinário rebaixamento da autoestima, um enorme empobrecimento do Eu. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio eu.” (FREUD, 1917/2010, p.130); desta forma, há na melancolia uma perda do objeto, que em última análise, significa a perda do próprio Eu.

Esta perda de caráter marcante é responsável por originar sentimentos de “autorrecriminação, no sentido de que a própria pessoa enlutada é culpada pela perda do objeto amado” (FREUD, 1917/2010, p.135). Aqui, não é por acaso que Freud indica que a perda do objeto amado é o caso mais emblemático da melancolia, pois, como foi visto no presente trabalho, o processo de construção da identidade é baseado nas identificações objetais, entre as quais, a identificação narcísica com o objeto de amor. Assim, de acordo com Safatle (2019, p.30), essa noção “é a maneira freudiana de lembrar que o amor não é apenas o nome que damos a uma escolha afetiva de objeto. Ele é a base dos processos de formação da identidade subjetiva a partir da transformação de investimentos libidinais em identificações.”

Ao dizer que o elemento melancólico, de alguma forma, é um componente inerente às relações amorosas e sabendo que estas são as bases constituidoras da subjetividade, Freud quer dizer que a melancolia é um tipo de fundação possível na vida psíquica. Desta forma, se há no amor a submissão do desejo do sujeito em razão do objeto amado, na melancolia, a “sujeição do desejo” vira “desejo por sujeição”, fazendo com que admiremos justamente aquilo que mais nos oprime. Em uma sociedade marcada por flagrantes diferenças de classes, sobretudo, em contextos de crise econômico-social, nos apaixonamos irremediavelmente pelo poder, principalmente aquele de “cima para baixo”.

Neste sentido, não é uma surpresa constatar que os regimes fascistas tiveram plena ascensão em cenários de intensa instabilidade popular, apelando para uma estética do poder, seja na rigidez disciplinar das marchas de seus exércitos ou milícias, seja nas propagandas de culto à imagem do líder.

Dito isto, pode-se concluir que o fascismo é uma concepção de vida resultante das relações melancólicas que os sujeitos de uma sociedade têm com o poder. Estruturas estas que moldam o repertório psíquico dos indivíduos, à medida que cada um, à sua maneira, e em suas respectivas vidas, entra em contato com a experiência traumática ocasionada pelas instâncias decisórias, representadas, na maior parte das vezes, pelas instituições políticas.

Aliás, o modelo melancolizador de estrutura política do qual o ocidente se valeu através dos séculos e que possibilitou o surgimento de movimentos políticos exploradores do

desejo como o fascismo, é tema de discussão no contexto acadêmico nas obras de alguns dos autores aqui citados tais como a própria Butler e Safatle, e pode vir a ser tema de trabalhos futuros na área da psicologia política. No entanto, por ora, ficaremos somente até aqui: com o mero objetivo de contribuir na compreensão de um fenômeno histórico tão importante como o fascismo com uma visão psicológica de seus pressupostos ideológicos, trazendo à tona a importância do estudo da subjetividade humana; e mais importante: indicando que, excluindo a psicologia do debate no campo político, tem-se uma análise dos fenômenos sociais absolutamente hesitante e incompleta.

Por último, é necessário dizer que apesar desta pesquisa ter redirecionado suas conjecturas acerca de acontecimentos ocorridos na primeira metade do século passado, ele tem como evento impulsionador os recentes acontecimentos políticos do cenário atual, onde nota-se um recrudescimento de forças reativas de extrema-direita ao redor do mundo, ocasionando um intenso debate sobre a volta dos ideais fascistas ao ocidente.

No entanto, não cabe a este trabalho empreender uma análise mais detalhada sobre estas novas forças políticas. O que é necessário fazer, é que fiquemos cada vez mais atentos e vigilantes, pois como ensina Foucault, só através do insistente questionamento e contestação é que podemos “expulsar o fascismo que está incrustado” em nós; este fascismo que nos faz cair de amores pelos diferentes tipos de poder, tanto aquele que nos oprime, como aquele que nos convém.



## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. **Psychoanalysis and the Social Sciences**, v. 3, p.408-433, 1951. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4127202/mod\\_resource/content/1/ADORNO-Theodor-W-a-Teoria-Freudiana-e-o-Modelo-Fascista-de-Propaganda.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4127202/mod_resource/content/1/ADORNO-Theodor-W-a-Teoria-Freudiana-e-o-Modelo-Fascista-de-Propaganda.pdf)> Acesso em :20 ago.2020.
- AGAMBEN, Giorgio. Bataille e o paradoxo da soberania. Ilha de Santa Catarina. Trad. Nilcéia Valdati. Outra travessia. **Revista de Literatura**. n. 5. Florianópolis, segundo semestre de 2005.
- ALBERTINI, Paulo. Reich e a possibilidade do bem-estar na cultura. **Psicologia USP**, v. 14, n.2, p. 61-89, 2003.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BATAILLE, Georges. La Structure Psychologique du Fascisme. **Hermès, La Revue**, v.2 n. 5-6, p. 137-160, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A parte maldita – precedida de A noção de dispêndio**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- \_\_\_\_\_. **O erotismo**. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Teoria da religião**. Trad. Sergio Goes de Paula e Viviane de Lamare. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- BRAININ, Elisabeth; KAMINER, Isidor J. Psicanálise e Nazismo. In: Kaitz, Chaim Samuel. **Psicanálise e Nazismo**. Tradução: Angela B.C. Wittch. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.
- BUTTER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Tradução Rogério Bettoni, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. (1972). **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34. 2010.
- DUNKER, Christian. O que Freud disse sobre a Revolução Russa? **Blog da boi tempo**, 13 set. 2017. Disponível em:< <https://blogdaboitempo.com.br/2017/09/13/o-que-freud-disse-sobre-a-revolucao-russa.>> Acesso em: 20 set.2020.
- FOUCAULT, Michel. Apresentação. In: BATAILLE, Georges. **O euvres complètes**. Tomo I. Paris, Gallimard, 1970.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 1930.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia das massas e análise do Eu**. Tradução. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 1921.

\_\_\_\_\_. **Totem e tabu**. Tradução. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2010. (Original publicado em 1913).

\_\_\_\_\_. **Moisés e o monoteísmo**. Tradução. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2010 (Original publicado em 1939).

\_\_\_\_\_. **Por que a guerra?** (J. Salomão, Trad.), edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (v.22). Rio de Janeiro: Imago. 1996. (Original publicado em 1932).

\_\_\_\_\_. **Luto e melancolia**. Obras completas, Vol. 12. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIARDINA, Andrea. O mito fascista da romanidade. **Estud. av.** São Paulo, v.22 n.62 jan./abr. 2008

GOYATÁ, Júlia Vilaça. Georges Bataille, Michel Leiris e a experiência do sagrado no entreguerra. **Relig. soc.** v.34 n.2 Rio de Janeiro, jul./dez.2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de . Psicologia das massas: contexto e desafios brasileiros. **Psicol. Soc.** Belo Horizonte, v25, n.3, 2013.

LE BON, G. **Psicologia das multidões**. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia, 1954. (Original publicado em 1895).

LOHMANN, Hans-Martin; ROSENKOTTER. Psicanálise na Alemanha Hitlerista. Como foi Realmente? In: Kaitz, Chaim Samuel. **Psicanálise e Nazismo**. Tradução: Angela B.C. Wittch. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.

MACDOUGALL W. (1920). **The Group Mind**. Cambridge: University Press.

MANN, Michael. **Fascistas**. Rio de Janeiro: Record, 2008

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MONTEIRO, Gustavo Feital. Definindo o fascismo: comparando análises e interpretações. **Revista discente do programa de pós-graduação em história- UFJF**. v.4, n. 8, jul./dez.2018.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. (2002). **Arte & ensaios**, Rio de Janeiro, v. 32, p..123-151, dez. 2016

MELLO NETO, Gustavo Adolfo. A Psicologia Social nos tempos de S. Freud. **Psic.: Teor. e Pesq.** Brasília, v.16, n. 2, maio/ago.2000

MORAES, Luís Edmundo de Souza. República de Weimar, suas crises e o Nazismo como alternativa. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 111-133, jan./jun. 2018.

REICH, Wilhelm. **Materialismo dialético e psicanálise**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1988.

\_\_\_\_\_. **Análise do caráter**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Psicologia de massas do fascismo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **A revolução sexual** 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **Psicologia de Massas do Fascismo**. Tradução: Maria da Graça M. Macedo. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1987

RIDING, Alan. **Paris, a festa continuou**: a vida cultural durante a ocupação nazista, 1940-4. tradução Celso Nogueira, Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ROUANET, S.P. **Teoria crítica e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1989.

SAFATLE, Vladimir. **Psicologias do Fascismo**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

TARDE, G. **Les lois de l'imitation**. Paris: Kimé. 1993. (Trabalho originalmente publicado em 1888).

TROTTER, W. (1953). **Instincts of the Herd in peace and war**. Oxford: University Press (A primeira edição do texto integral é de 1919. Os dois primeiros ensaios são de 1909).